



REVISTA OFICIAL DA ORQUIDÁRIO

Orquidário

Volume 13 - nºs 3 e 4



Orquidário

Volume 13 - nºs 3 e 4

Comissão Editorial:

Carlos Ivan da Silva Siqueira, Carlos Eduardo Martins Carvalho, Maria da Penha K. Fagnani, Raimundo A. E. Mesquita e Waldemar Scheliga

Editor:

Carlos A. A. de Gouveia

A revista circula a cada trimestre e é distribuída, gratuitamente, aos sócios da Orquidário.

Deseja-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos à Comissão Editorial, datilografados em uma só face de papel formato A4, em espaço duplo ou em disquete, com cópia impressa, gravado num dos seguintes editores de texto: PageMaker, Word ou qualquer aplicativo compatível com o Windows 95.

Aceitos, os trabalhos remetidos serão publicados num dos números seguintes. Os rejeitados poderão ser devolvidos ao autor, desde que os tenha solicitado e remetido os selos para postagem.

Fotografias devem conter indicação do motivo da foto e identificação do autor. Fotos em preto e branco ou cromos coloridos devem vir acompanhadas de negativo. Podem os autores de fotos, mediante prévia combinação com o editor, remeter fotolito já preparado para impressão.

Propaganda e matéria paga, com indicação de mês para publicação, deverão ser remetidas com 2 meses de antecedência, reservando-se a revista de rejeitar sem explicitação de motivos.

O título *Orquidário* é de propriedade de *Orquidário* e está registrado no INPI, tendo sido feito, também, o depósito legal na Biblioteca Nacional.

Qualquer matéria, fotografia ou desenho publicado sem indicação de reserva de direito autoral (c) pode ser reproduzido para fins não comerciais, desde que se cite a origem e se identifiquem os autores.

Correspondência:

Deve ser dirigida à *Orquidário*,
Rua Visconde de Inhaúma, 134 / 427,
Centro - Rio de Janeiro - RJ - CEP 20091-000
Tel.: (0xx21) 233-2314 - Fax: (0xx21) 518-6168
E-mail: orquidario@orquidario.com.br
Internet: www.orquidario.com.br

Projeto gráfico e diagramação:

JLS Editoração Eletrônica - Telefax: 283-1569

Impressão: Impressora Stampa



Revista trimestral publicada pela Orquidário

ISSN 0130-6750

▼ Diretoria - Biênio 1999/2000

Presidente: Paulo Damaso Peres

Vice-Presidente: José Luiz Bartolo

Diretor de Área Técnica: Roland Brooks Cooke

Diretor de Área de Relações Comunitárias:

Marta Guglielmi

Diretor da Área Administrativo-Financeiro:

Mario Karpinskas

Coordenadores:

Exposição: Marlene Paiva Valim

Comunicação: Carlos A. A. de Gouveia

Administrativo: Sylvio Rodrigues Pereira

Departamentos:

Pesquisa, Cultivo e Cursos: Carlos Eduardo Martins Carvalho

Biblioteca: Sylvio Rodrigues Pereira

Ensino: Maria da Penha K. Fagnani

Sócios: Alexandre Cruz de Mesquita

Secretária da Diretoria: Nilce Carlos

▼ Presidentes Anteriores:

1 - Edward Kilpatrick, 1986/1987 (†)

2 - Álvaro Pessoa, 1987/1990

3 - Raimundo A. E. Mesquita, 1990/1994

4 - Hans O. J. Frank, 1994/1996

5 - Carlos A. A. de Gouveia, 1997/1998

▼ Conselho Deliberativo - 1999/2000

Membros: Antonio Clarindo Rodrigues, Hans O. J. Frank, Mauricio Verboonen, Carlos Ivan da Silva Siqueira e José Lousada

Preços / Rates	1 ano/ 1 year	2 anos/ 2 years	3 anos/ 3 years
Filiação e contribuição anual	R\$ 50,00	R\$ 90,00	R\$ 135,00
Overseas Subscription Rates	US\$ 40	US\$ 70	US\$ 110

Via aérea, acrescentar R\$ 20,00/ano - By air mail, US\$ 20 per year

Palavra 66
do Presidente

XIII Expo OrquidaRio 67

**Novos conceitos
sobre a tribo *Dendrobiinae*
Lindley 1830** 72

Por Edwin Wittman
Tradução: Waldemar Scheliga

***Cattleya labiata*
John Lindley 1821** 77
Por João Paulo Fontes

***Cyrtopodium paranaense* Schltr.**

Por Maria da Penha K. Pagnani
Mario Abreu de Almeida
Dulce Nascimento

***Sarneya* - um novo
*Cyrtopodium*** 84

Por Lou Menezes.

Estufas e telados
Por Roland Brooks Cooke 94

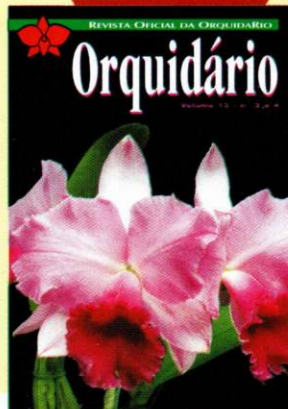
**Entrevista
Jorge Verboonen** 102
Por Paulo Damaso



C. Lulu
Por Sérgio Barani

Capa

Lc. Beatriz Kunning (Lc. Irene Finney x Lc. Rolf Altenburg), cruzamento feito pela Aranda e registrado por Sérgio Barani, esteve magnificamente florida na XIII Expo OrquidaRio, sendo laureada com o Troféu Rolf Altenburg e escolhida a planta campeã do show. Forma, tamanho e cor são sensacionais.



PALAVRA DO PRESIDENTE

O alvo principal da direção da *OrquideaRio* é o seu quadro de sócios que temos procurado atender da melhor maneira possível. A par da ótima qualidade de nossa Revista *Orquidário*, fruto do trabalho de um grande grupo de colaboradores, entendemos que era chegada a hora de nos aproximar mais intensamente de nossos sócios, principalmente aqueles que não têm a oportunidade de compartilhar das nossas reuniões técnicas e sociais. Tínhamos que procurar uma maneira de compensar essa ausência, levando até esses sócios mais informação de nosso dia-a-dia e de nossas palestras.

O que primeiro nos ocorreu foi buscar um novo periódico que preenchesse o vazio dos meses entre uma edição e outra da revista e que sua realização demandasse muito menos recursos financeiros, permitindo um maior contato com os sócios, tratando de assuntos de forma mais leve e mais próximos dos acontecimentos.

Fomos ainda mais longe. Além dos contatos trimestrais e mensais procuramos um contato diário, 24 horas por dia, a critério de cada sócio

através de nossa página na Internet. Ainda temos algumas falhas que estão sendo corrigidas e, juntamente com a Revista e o Boletim, atenderá ainda mais às necessidades dos nossos sócios que estão distantes. No nosso site, sempre que possível, teremos, entre outros assuntos, a transcrição das palestras técnicas de nossas reuniões, uma maravilhosa compilação sobre a História das Orquídeas, o Índice completo e detalhado de todas as nossas revistas *Orquidário* e vários outros assuntos julgados de interesse para os sócios.

Fica, claro portanto, que a Revista, o Boletim e o site www.orquidario.com.br, na Internet, são veículos que se complementam e não podemos admitir que um possa vir a substituir o outro. Os três vieram para ficar juntos. ▼

NOTA DO EDITOR

Estamos publicando nesta edição da revista *Orquidário* os números 3 e 4 do volume 13. Assim, encerramos o volume referente ao ano de 1999 e iniciaremos na próxima edição o volume 14. É nossa intenção publicarmos ainda este ano mais quatro números da Revista.

CRÉDITOS DAS ILUSTRAÇÕES

Capa: Lc. Beatriz Kunning - Sérgio Barani

Índice: Lc. Lulu - Sérgio Barani

Págs. 67 a 71: *Asctm. miniatum*, *Cymbidium* Red Beauty, *Phal.* Baldan's Kalidoscope 'Be Happy', *Sophronitis coccinea*, *Wilsonara* Kolibri, Ilustração Botânica de Ana Lucia de Souza - Carlos Ivan

Págs. 72 a 75: *Callista densiflora*, *Callista aggregata* - Raimundo Mesquita

Págs. 77 a 79: *C. labiata* var. lilás "Extase", *C. labiata* var. semi-alba tubular "Vila dos Fontes", *C. labiata* var. pelórica "Curinda", *C. labiata* semi-alba "Rejane", *C. labiata* var. alba "Asa branca", *C. labiata* var. concolor "Luar do outono" - João Paulo Fontes

Págs. 80 a 83: *Cyrtopodium paranaense* Schltr., Ilustração Botânica de Dulce Nascimento -

Maria da Penha K. Fagnani

Págs. 84 e 85: *Cyrtopodium sarneyanum* - Lou Menezes

Págs. 86 a 93: C. Lulu, C. Whitei, Blc. Nobile's Carnival, Blc. Julio Barbero, Blc. Nobile's Flame, Blc. George Suzuki, L. Briegeri x C. Chocolate Drop, Blc. Nobile's Bruno Bruno, Lc. Alexis Sauer, Blc. Helio Maurício Bittencourt, Blc. Shiniti Ishikawa - Sérgio Barani

Pág. 94: Maria do Rosário

Pág. 97: Carlos Ivan

Pág. 98: Roland Cooke

Pág. 99: Roland Cooke, Maurício Verboonen e Maria do Rosário

Pág. 100: Sérgio Barani e Carlos Ivan

Pág. 101: Sérgio Barani

Págs. 102 a 106: Carlos Ivan

Asctm. miniatum
Planta vice-campeã
e melhor espécie
Cultivo JLB Orchids

O XIII Expo OrquidaRio

Nos dias 9 a 12 de setembro de 1999 foi realizada a 13ª edição da nossa tradicional exposição de primavera, mais uma vez nas dependências do Nova América Outlet Shopping. Como em anos anteriores, houve grande afluxo de público, lotando tanto a área do show quanto o setor de vendas.



Premiado como o Melhor Cymbidium
Cymbidium Red Beauty - Aranda

Premiações

- Melhor Cattleya
Laeliocattleya Beatriz Kunning - Nobile Flores
 - Melhor Vandácea
Ascocentrum miniatum - JLB Orchids
 - Melhor Cymbidium
Cymbidium Red Beauty - Aranda
 - Melhor Oncidinae
Wilsonara Kolibri - Aranda
 - Melhor Phalaenopsis
Phalaenopsis Baldan's Kaleidoscope - JLB Orchids
 - Melhor Cypridioideae
Paphiopedilum (Sparsholt x Motoo Kimura) - Aranda
 - Melhor Espécie Brasileira
Cattleya walkeriana var. alba - Miranda Orchids
 - Melhor Híbrido tipo Cattleya
Laeliocattleya Beatriz Kunning - Nobile Flores
 - Melhor Espécie Estrangeira
Ascocentrum miniatum - JLB Orchids
-
- Melhor Cultivo
Ascocentrum miniatum - JLB Orchids
 - Planta Campeã
Laeliocattleya Beatriz Kunning - Nobile Flores
 - Planta Vice-Campeã
Ascocentrum miniatum - JLB Orchids
 - Melhor Estande Amador/Associação
Orquidário

A parte comercial foi um destaque particular, com as plantas sendo vendidas rapidamente, exigindo reposição de estoques de todos os presentes. O estande da *Orquidário* esteve sempre lotado, com todos buscando informações, além dos itens lá colocados para venda. Graças à grande simpatia da equipe coordenada por Marlene Paiva, foi uma atração à parte, ponto de convergência de novos e veteranos orquidófilos para conversar e aprender um pouquinho mais sobre orquídeas.

Outro sucesso foram as palestras, num mini-auditório, sempre pequeno para atender a demanda. Hans Frank e Roland Cooke se alternaram, com o brilho e o entusiasmo costumeiros, contando com platéias atentas e insaciáveis.

Com relação às plantas expostas, a qualidade foi destacada e elogiada por todos, especialmente os *Paphiopedilum* e *Phalaenopsis*. A planta campeã, *Lc. Beatriz Kunig*, apresentada por Sérgio Barani do orquidário



***Phal.* Baldan`s Kalidoscope 'Be Happy'**
exposto no estande da OrquidaRio

Nobile Flores, surpreendeu pelo tamanho, forma e irretocável armação. Juntamente com a Exposição foram realizados o Salão de Ilustração Botânica e a Mostra de Pintura Sobre Porcelana, atraindo a atenção pelo bom gosto e beleza das obras expostas.

Findo o evento, ficou aquele gosto de "quero mais", típico da grande confraternização em que nosso show se transformou. Em 2000 temos planos de realizar mais de uma mostra, sendo que em setembro pretendemos que tenha cunho internacional. Esperamos encontrar todos lá.

Fotos: Carlos Ivan



O estande da OrquidaRio esteve sempre muito concorrido



Uma bela flor de *Sophronitis coccinea*
se destacou no estande da OrquidaRio
exposta por Sérgio Barani



As palestras sobre orquídeas atraíram um grande público.
Na foto, Hans Frank fala para platéia atenta.



Wilsonara Kolibri, melhor híbrido de Oncidinae,
Orquidário Aranda

A qualidade e a diversidade das plantas expostas foram os grandes destaques da exposição

Mostra de pintura sobre porcelana



Show de qualidade e bom gosto na exposição de pintura em porcelana

Como é de praxe, a OrquidaRio vem sempre estimulando atividades paralelas que de alguma forma se relacionem com a Orquidofilia.

A pintura sobre porcelana, há muito, tem se tornado nossa companheira de exposições, abrilhantando nossos eventos com trabalhos temáticos, de pura arte e bom gosto.

Na exposição deste ano tivemos, em primeiro lugar, um trabalho da artista Ignez Leig, que, aproveitando uma peça de porcelana quebrada, desenvolveu sua arte e criatividade, conquistando, assim, a preferência de um júri popular.

Parabéns à ABRAPP (Associação Brasileira de Pintura sobre Porcelana) que sob o comando de sua Presidente organizou mais essa apresentação em setembro de 1999.

II Salão Nacional de Ilustração Botânica

Foto: Carlos Ivan



Ilustração vencedora de Ana Lucia de Souza

O Salão reuniu trinta e cinco belíssimas ilustrações sobre o tema - orquídeas - que ficaram expostas nos corredores do Shopping Nova América Outlet e puderam ser apreciadas pelo público de 9 a 30 de setembro de 1999.

Participaram do Salão artistas de vários Estados brasileiros. As obras da mostra foram julgadas por um júri técnico formado por

botânicos, artistas plásticos e orquidófilos, que consideraram quesitos artísticos e de fidelidade botânica.

O primeiro lugar ficou com Ana Lucia de Souza e o segundo foi para Ligia Veloso F. Moreno. A alta qualidade dos trabalhos também rendeu Menções Honrosas aos artistas André Demonte, Paulo Ormindo, Cristina Miranda e Ronaldo Pangela.



Foto: Raimundo Mesquita

Novos

conceitos sobre a tribo *Dendrobiinae* Lindley 1830

Por Edwin Wittman

Tradução: Waldemar Scheliga

Em 1914, Rudolf SCHLECHTER propôs uma subdivisão útil do gênero *Dendrobium*, publicado no enorme trabalho sobre orquídeas da Nova Guiné e escrito em alemão. Ele dividiu o gênero em quatro subgêneros, e cada subgênero, em seções. Esta divisão foi muito aplaudida pelos botânicos modernos, porém só a partir de 1982 é que BLAXEL, KATZ e SIMMONS fizeram a tradução do monumental trabalho para o inglês. Mais tarde, o conhecido professor Dr. Friedrich G. BRIEGER (que foi Diretor do Instituto de Genética da Escola Superior de Agricultura de Piracicaba - SP) realizou uma revisão completa dentro do então chamado gênero *Dendrobium*, na qual

criou linhas de desenvolvimento para justificar as novas nomenclaturas. Depois de 1983 um orquidólogo que trabalhava no ICBN (International Code of Botanical Nomenclature), Stephen RAUSCHERT, colocou as descrições dentro do padrão de exigências do ICBN.

Como e quando foi feita essa revisão? No "Manual" de Rudolf SCHLECHTER, *Die Orchideen*, 3ª Edição, vol. I/A, em língua alemã, foi publicado esse trabalho, terminado em 1981. Em primeiro lugar coube-lhe a tarefa de determinar a inclusão da subtribo *Dendrobiinae* no sistema global das *Orchidaceae*, pois existem a respeito opiniões divergentes. O Dr. BRIEGER optou pelo sistema atualizado de LINDLEY-BENTHAM, segundo o qual a subtribo se enquadra, inegavelmente, na tribo *Epidendreae*, por ter as políneas cerosas e com as

superfícies lisas, ao contrário das políneas das *Arethusae*. Também não existe viscidio como nas *Podochileae*. No sistema PFIZER-SCHLECHTER as *Dendrobiinae* receberam outra posição. PFIZER as incluiu nas *Pleuranthae*, nas quais as inflorescências eclodem sempre das axilas das folhas, enquanto SCHLECHTER as posicionou nas *Aranthae*, nas quais as inflorescências são terminais. Efetivamente as duas posições florais ocorrem na subtribo e em forma inequívoca com alguns casos que são descritos por alguns autores sob o nome pouco claro de "pseudoterminal".

Este trabalho apresenta uma lista com os novos nomes ao lado dos antigos, dando uma visão geral do atual estado da nomenclatura da subtribo *Dendrobiinae*. Podemos observar na lista que muitos nomes novos têm como autor BRIEGER e, entre parênteses, o autor anterior, o que significa que pesquisadores honoráveis como HOOCKER, SCHLECHTER, KRÄNZLIN, LINDLEY e outros já limitaram estes novos gêneros há muito tempo como unidade, colocando-os com *status* de seção ou subgênero.

BRIEGER simplesmente os "elevou".

O problema das *Dendrobiinae* continua sendo um caso difícil. Para esclarecer devidamente todas as dúvidas seria necessário um longo estudo. Estamos informados de que o insigne botânico, Dr. Karlheinz SENGHAS, foi incumbido de preparar um suplemento para o manual *Die Orchideen* de SCHLECHTER. Este material não representará uma nova revisão, devendo ser breve e conciso. No capítulo *Dendrobiinae* podemos adiantar que será possível constatar que a taxonomia ainda aguarda um procedimento e uma sistemática aceitável para solucionar a problemática da subtribo.

Certamente ainda deve demorar até que o originalmente monumental gênero *Dendrobium* seja organizado de forma nítida e consiga satisfazer gregos e troianos. Portanto, fica o desafio para as novas gerações de botânicos, procurando-se um cientista que se engaje na pesquisa dos *Dendrobium*, a exemplo do que Carlyle LUER conseguiu com os *Pleurothallidinae*, dominando a cena com autoridade, marcada por seu cunho inigualável.

Lista dos novos nomes do gênero *Dendrobium*

- *Dendrobium muricatum* Finet. = *Inobulbon muricatum* (Finet.) Krzl.
- *Dendrobium foliosum* (Brogn.) = *Pseuderia foliosa* (Brogn.) Schltr.
- *Dendrobium muricatum* var. *munificum* = *Inobulbon munificum* (Finet) Krzl.
- *Dendrobium salaccense* (Bl.) Lindl. = *Grastidium salaccense* Bl.
- *Dendrobium asperatum* Schtr. = *Grastidium asperatum* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium bambusifolium* Par & Rchb.f. = *Grastidium bambusifolium* (Par & Rchb.f.) Brieg.
- *Dendrobium collinum* J.J.Sm. = *Grastidium collinum* (J.J.Sm) Brieg.
- *Dendrobium grossum* Schltr. = *Grastidium grossum* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium patulum* Schltr. = *Grastidium patulum* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium polyschistum* Schltr. = *Grastidium polyschistum* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium vandoides* Schltr. = *Grastidium vandoides* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium sarcochilus* Finet = *Grastidium sarcochilus* (Finet) Brieg.
- *Dendrobium pleianthum* Schltr. = *Grastidium pleianthum* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium insigne* (Bl.) Rchb.f. ex Miqu. = *Dichopus insignis* Bl.
- *Dendrobium eriopexis* Schltr. = *Eriopexis schlechteri* Brieg.
- *Dendrobium furcatum* Reinw.ex Lindl. = *Dolichocentrum furcatum* (Reinw.) ex Lindl.
- *Dendrobium calcaratum* Lindl. = *Conostalix calcaratum* (Lindl.) Brieg.
- *Dendrobium bilobum* Lindl. = *Monanthus biloba* (Lindl.) Brieg.
- *Dendrobium agrostophyllum* Schltr. = *Monanthus, agrostophyllum* (Schltr.) Brieg.

Continuação

- *Dendrobium poneroides* Schltr. = *Monanthus poneroides* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium glossorhynchoides* Schltr. = *Herpethophytum glossorhynchoides* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium lucidum* Schltr. = *Herpethophytum lucidum* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium vestitum* Wall. = *Trichotosia vestita* (Wall.) Brieg.
- *Dendrobium lobatum* (Bl.) Miqu. = *Aporum lobatum* Bl.
- *Dendrobium crumenatum* Sw. = *Aporum crumenatum* (Sw.) Brieg.
- *Dendrobium equitans* Krzl. = *Aporum equitans* (Krazl.) Brieg.
- *Dendrobium goldfinchii* F.V.M. = *Aporum goldfinchii* (F.v.M.) Brieg.
- *Dendrobium truncatum* Lindl. = *Aporum truncatum* (Lindl.) Brieg.
- *Dendrobium tenuicaule* Hook. = *Aporum tenuicaule* (Hook.) Brieg.
- *Dendrobium acerosum* Linal. = *Aporum acerosum* (Lindl.) Brieg.
- *Dendrobium kentrophyllum* Hook. = *Aporum kentrophyllum* (Hook.) Brieg.
- *Dendrobium salicornoides* Teijsm. & Binn = *Aporum salicornoides* (Teijsm. & Binn) Brieg.
- *Dendrobium uncatum* Lindl. = *Aporum uncatum* (Lindl.) Brieg.
- *Dendrobium lobatum* (Bl.) Miqu. = *Aporum lobatum* Bl.
- *Dendrobium lobulatum* Rolfe, ex J.J.Sm. = *Aporum lobulatum* (Rolfe) Brieg.
- *Dendrobium secundum* (Bl.) Lindl. = *Pedilonum secundum* Bl.
- *Dendrobium capituliflorum* Rolfe = *Pedilonum capituliflorum* (Rolfe) Brieg.
- *Dendrobium miniense* Schltr. = *Pedilonum miniense* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium purpureum* Roxb. = *Pedilonum purpureum* (Roxb.) Brieg.
- *Dendrobium ophioglossum* Rchb. f. = *Pedilonum ophioglossum* (Rchb.f.) Brieg.
- *Dendrobium sanginolentum* Lindl. = *Pedilonum sanguinolentum* (Lindl.) Brieg.
- *Dendrobium crocatum* Hook. = *Pedilonum crocatum* (Hook.) Brieg.
- *Dendrobium megaceras* Hook. = *Pedilonum megaceras* (Hook.) Brieg.
- *Dendrobium panduriferum* Hook. = *Pedilonum panduriferum* (Hook.) Brieg.
- *Dendrobium serpens* Hook. = *Pedilonum serpens* (Hook.) Brieg.
- *Dendrobium tropaeoliflorum* Hook. = *Pedilonum tropaeoliflorum* (Hook.) Brieg.
- *Dendrobium erosum* (Bl.) Lindl. = *Pedilonum erosum* Bl.
- *Dendrobium mohlianum* Rchb.f. = *Pedilonum mohlianum* (Rchb.f.) Brieg.
- *Dendrobium roseum* Schltr. = *Pedilonum roseum* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium cuthbertsonii* F.M. = *Pedilonum cuthbertsonii* (F.M.) Brieg.
- *Dendrobium asperifolium* J.J.Sm. = *Pedilonum asperifolium* (J.J.Sm.) Brieg.
- *Dendrobium trachyphyllum* Schltr. = *Pedilonum trachyphyllum* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium puniceum* Ridl. = *Pedilonum puniceum* (Ridl.) Brieg.
- *Dendrobium quinquecostatum* Schltr. = *Pedilonum quinquecostatum* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium tricostatum* Schltr. = *Pedilonum tricostatum* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium melanostictum* Schltr. = *Amblyanthus melanostictum* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium kemperianum* Schltr. = *Amblyanthus kemperianum* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium xanthomeson* Schltr. = *Amblyanthus xanthomeson* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium pectinatum* Finet = *Kinetochilus pectinatus* (Finet) Brieg.
- *Dendrobium cleistogamum* Schltr. = *Kinetochilus eleistogamus* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium crassicaule* Schltr. = *Kinetochilus crassicaule* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium chalmersii* F.V.M. = *Trachyrhizum chalmersii* (F.V.M.) Brieg.
- *Dendrobium prosthecioglossum* Schltr. = *Trachyrhizum prosthecioglossum* (Sltr.) Brieg.
- *Dendrobium thyrsoiflorum* Rchb.f. = *Callista amabilis* Lour.
- *Dendrobium aggregatum* Roxb. = *Callista aggregata* (Roxb.) Brieg.
- *Dendrobium jenkinsii* Wall. = *Callista aggregata* var. *jenkinsii* (Wall.) Brieg.



Callista aggregata

- *Dendrobium chrysotoxum* Lindl. = *Callista chrysotoxa* (Lindl.) Brieg.
- *Dendrobium densiflorum* Wall. = *Callista densiflora* (Wall.) Brieg.
- *Dendrobium farmeri* Paxt. = *Callista farmeri* (Paxt.) Brieg.
- *Dendrobium palpebrae* Lindl. = *Callista palpebrae* (Lindl.) Brieg.
- *Dendrobium senile* Par. & Rchb.f. = *Callista senilis* (Par. & Rchb.f.) Brieg.
- *Dendrobium javanicum* Sw. = *Eria javanica* Bl.
- *Dendrobium robustum* Bl. = *Aridosstachya robusta* (Bl.) Brieg.
- *Dendrobium pumilum* Roxb. = *Bolbidium pumilum* (Roxb.) Brieg.
- *Dendrobium quadrangulare* Rchb.f. = *Bolbidium quadrangulare* (Rchb.f.) Brieg.
- *Dendrobium spuria* Bl. = *Euphlebia spurium* (Bl.) Brieg.
- *Dendrobium amboiense* Hooak. = *Euphlebia amboiense* (Hook.) Brieg.
- *Dendrobium coeloglossum* Schltr. = *Euphlebia coeloglossum* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium speciosum* J.J.Sm. = *Dendrocoryne speciosum* (J.J.Sm.) Brieg.
- *Dendrobium aemulum* R.Br. = *Dendrocoryne aemulum* (R.Br.) Brieg.
- *Dendrobium kingianum* Bidw. = *Dendrocoryne kingianum* (Bidw.) Brieg.
- *Dendrobium tetragonum* A.Cunn. ex Lindl. = *Dendrocoryne tetragonum* (A.Cunn.) Brieg.
- *Dendrobium umbellatum* (Gaud.) Rchb.f. = *Cadetia umbellata* Gaud.
- *Dendrobium funiforme* Schltr. = *Cadetia funiformis* (Schltr.) Schltr.
- *Dendrobium koorensis* Schltr. = *Cadetia koorensis* Schltr.
- *Dendrobium trigonocarpum* Schltr. = *Cadetia trigonocarpa* (Schltr.) Schltr.
- *Dendrobium nitidissimum* Rchb.f. = *Diplocaulobium nitidissimum* (Rchb.f.) Krzl.
- *Dendrobium auricolor* J.J.Sm. = *Diplocaulobium auricolor* (J.J.Sm.) Hawkes
- *Dendrobium chrysotropis* Schltr. = *Diplocaulobium chrysotropis* (Schltr.) Hawkes
- *Dendrobium fariniferum* Schltr. = *Diplocaulobium fariniferum* (Schltr.) Carr.
- *Dendrobium glabrum* J.J.Sm. = *Diplocaulobium glabrum* (J.J.Sm.) Krzl.

Continuação

- *Dendrobium longicolle* Lindl. = *Diplocaulobium longicolle* (Lindl.) Krzl.
- *Dendrobium pulvilliferum* Schltr. = *Diplocaulobium pulvilliferum* (Schltr.) Hawkes
- *Dendrobium regale* Schltr. = *Diplocaulobium regale* (Schltr.) Hawkes
- *Dendrobium stenophyton* Schltr. = *Diplocaulobium stenophyton* (Schltr.) P.F. Hunt & Summerh.
- *Dendrobium mamplum* Lindl. = *Katherinea ampla* (Lindl.) Hawkes
- *Dendrobium carrii* Rupp & C.T.White = *Katherinea carrii* (Rupp & C.T.White) Brieg.
- *Dendrobium coelogyne* Rchb. f. = *Katherinea coelogyne* (Rchb.f.) Hawkes
- *Dendrobium geminatum* Bl. = *Katherinea geminata* (Bl.) Hawkes
- *Dendrobium longipes* Hook. = *Katharinea longipes* (Hook.) Hawkes
- *Dendrobium fargesii* Finet = *Epigeneium fargesii* (Finet) Gagnep
- *Dendrobium monophyllum* F.M. = *Australorchis monophylla* (F.M.) Brieg.
- *Dendrobium schneiderae* F. M. Bail. = *Australorchis schneiderae* (F. M. Bail.) Brieg.
- *Dendrobium bulbophylloides* Schltr. = *Microphytanthe bulbophylloides* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium nummularia* Schltr. = *Microphytanthe nummularia* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium lonchophyllum* Hook. = *Flickingeria lonchophylla* (Hook.) Hawkes
- *Dendrobium mirandum* Schltr. = *Flickingeria miranda* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium piestobulbon* Schltr. = *Flickingeria piestobulbon* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium rhodobalion* Schltr. = *Flickingeria rhodobalion* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium scopa* Lindl. = *Flickingeria scopa* (Lindl.) Brieg.
- *Dendrobium usterii* Schltr. = *Flickingeria usterii* (Schltr.) Brieg.
- *Dendrobium linguiforme* Sw. = *Dockrillia linguiforme* (Sw.) Brieg.
- *Dendrobium cucumerinum* Macleay ex Lindl. = *Dockrillia cucumerina* (Macleay Lindl.) Brieg.
- *Dendrobium desmotrichoides* J.J.Sm. = *Dockrillia desmotrichoides* (J.J.Sm.) Brieg.
- *Dendrobium teretefolium* R.Br. = *Dockrillia teretefolia* (R.Br.) Brieg.
- *Dendrobium toressae* (F.M.Bail) Dockr. = *Dockrillia toressae* (P.M.Bail) Brieg.
- *Dendrobium wassellii* S.T.Blake = *Dockrillia wassellii* (S.T.Blake) Brieg.

As demais espécies dos gêneros da subtribo *Dendrobiinae* - *Eria*, *Ceratium*, *Onychium*, *Macrostromium*, *Oxystophyllum*, *Latouria* e *Tylostilis* - deixamos de listar por serem pouco conhecidas ou cultivadas pelos orquidófilos brasileiros. ▼

Edwin Wittman

Rua Alfredo Ruiz, 15/29 - Bauru - SP - CEP 17040-350

Waldemar Scheliga

Rua Almirante Saddock de Sá, 133/401 - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22471-030



A OrquidaRio precisa de você



Colabore, divulgue a sociedade. Traga novos sócios, idéias e sugestões. Contribua para o Fundo de Apoio à OrquidaRio.



Cattleya labiata var.
lilás "Extase"

Cattleya

labiata

Texto e fotos por
João Paulo Fontes

John Lindley 1821

Em 1818, William Swainson, grande naturalista inglês, levou do Brasil para a Inglaterra alguns galhos de árvores, com plantinhas que pareciam orquídeas e que, 3 anos mais tarde, em 1821, floriram, confirmando que eram orquídeas muito bonitas. Nesta ocasião John Lindley as classificou como *Cattleya labiata*, registrando-as na *Collectanea Botanica*, t. 33.

A viagem de William Swainson começou na região amazônica, terminando no Porto do Rio de Janeiro, de onde despachou todo o material coletado durante sua viagem.

Como, no seu percurso, Swainson parou em vários outros pontos do Brasil, ficou, naquela época, difícil determinar o local exato da coleta das mudas cultivadas pelo professor Hooker, que era Diretor do Jardim Botânico de Kew, em Londres. A descoberta da *C. labiata* Lindl. fez um grande sucesso quando foi exposta à sociedade inglesa, reunindo botânicos, comerciantes e grandes orquidófilos de vários países.

ABSTRACT

Despite increasing popularity of other orchid genera, *Cattleyas* still reign as almost everyone's favorite orchids, in Brazil. Few people are as knowledgeable in *Cattleya* as João Paulo Fontes, a veteran orchid lover from Rio de Janeiro. In his article, João Paulo treats us to *Cattleya labiata* Lindley, one of the best known and most beautiful members of the genus, besides being the first *Cattleya* to be described, in 1821. Its history is peculiar, since after being discovered in 1818, no further plants were found until 1889, creating a quest for the "Cattleya orchid" which ignited the worldwide interest for orchids in the late 19th century, and which gave rise to modern orchid growing. João Paulo gives some insights as to the history of this *Cattleya*, besides showing some pictures of superior clones.



Cattleya labiata var. *semi-alba tubular*
"Vila dos Fontes"



Cattleya labiata var. *pelórica* "Curinda"



Cattleya labiata semi-alba "Rejane"

O entusiasmo despertado pela descoberta de tão bela orquídea motivou diversas viagens ao Brasil, na tentativa de localizarem o verdadeiro habitat da *C. labiata* Lindl. A maior parte das viagens foi centralizada no Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo, onde coletaram muitas mudas da *C. warneri* T. Moore.

A *C. warneri* T. Moore foi importada, em 1860, pela firma M. M. Low & C^o de Clapton, na Inglaterra, sendo classificada por T. Moore, em 1862, quando foi exposta por Robert Warner, na Royal Horticultural Society.

No outono de 1889, o Sr. Moreau, grande cultivador francês, recebeu algumas orquídeas, junto com uma coleção de borboletas, vindas do Estado de Pernambuco. Sander identificou estas orquídeas como sendo *C. labiata* Lindl.

No ano seguinte, Sander enviou ao Brasil o seu melhor "caçador" de orquídeas, que remeteu uma grande quantidade de plantas. Foi informado, no entanto, de que outro coletor, Bungeoth, já o havia antecedido.

Em 1890, Erich Bungeoth, que em 1889 viajava pela América do Sul e encontrava-se na Colômbia, de onde deveria seguir para o Peru, recebeu informações de que no Brasil, no Estado de Pernambuco, havia orquídeas (parasitas) roxas e de grande tamanho. Seguiu viagem para aquele Estado, onde apanhou muitas plantas, remetendo-as para a Europa para que fossem vendidas com o nome de *C. warocqueana*, sem relacioná-las com a *C. labiata*.

As orquídeas de Sander foram lançadas no mercado, com a designação de *C. labiata autumnalis* vera.

Houve muita discussão sobre a classificação dessas orquídeas, conforme temos registrado no *Journal des Amateurs D'Orchidophile* - 1891, confirmando-se depois que ambas eram, na realidade, a *C. labiata* classificada por John Lindley.

A *C. labiata* foi também chamada de "pálida" e "feitiche". A ocorrência da *C. labiata* Lindl. está centralizada na região do Nordeste Brasileiro, que se subdivide em:

- **Nordeste Oriental** - representado pelos Estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba, Alagoas e Território de Fernando de Noronha;
- **Nordeste Meridional** - representado pelos Estados da Bahia e Sergipe;
- **Meio Norte** - representado pelos Estados do Piauí e Maranhão.

Sua maior incidência acontece nos Estados de Pernambuco, Alagoas e Ceará.

O seu habitat está situado nas matas de altitude, consideradas como "Província dos Brejos de Altitude", "Subprovíncia dos Brejos Úmidos", distribuindo-se pela Chapada do Araripe, Serras de Baturité, Ibiapaba, do Meruoca, de Maranguape e Uruburetama, projeção do Planalto da Borborema e Chapada Diamantina.

A altitude média varia entre 400 e 800m

do nível do mar, atingindo em algumas regiões níveis mais elevados.

A temperatura dessa região oscila entre 18 e 22°, ocorrendo no entanto, em determinadas épocas do ano, índices mais baixos.

São encontradas nas copas das árvores ou nas encostas das pedras.

O auge de sua floração ocorre de janeiro a abril, podendo registrar florações esporádicas em outra época do ano.

O seu perfume lembra o jasmim.

A sua brotação ocorre normalmente em condições climáticas e ambientais adequadas ao seu cultivo, de agosto a outubro, e o seu enraizamento, de fevereiro a abril.

Apesar de já ser do conhecimento de muitos, não posso deixar de registrar um acontecimento, ocorrido em 1896, que deu uma grande projeção naquela época à nossa *Rainha do Nordeste Brasileiro*, mostrando o lugar de destaque que ela ocupava no meio orquidófilo.

A "Lindenia" registrou que em 01/09/1896 o *Journal des Orchidées* mencionava que Lucien Linden organizou uma disputa franco-belga. Esta disputa seria realizada entre os estabelecimentos de M. A. Dellemagne de Rambouille e o de Moortebeek, em dois encontros, um em Bruxelas e o outro em Rambouillet. Cada concorrente teria o direito a expor 12 *Cattleyas labiata*s.

Ficou acertado que aquele que fosse o vencedor teria o direito de pedir um corte da

variedade que fosse do seu agrado, dentro do lote do seu concorrente.

Esta disputa teve uma importância muito grande no mundo botânico daquela ocasião, pois reuniu os maiores profissionais e amadores de várias regiões da Europa. O 1º encontro ocorreu em 25/10/1896 em Bruxelas, na Galerie L'Horticulture Internationale, onde normalmente se promoviam reuniões orquidófilas. O primeiro prêmio coube a Moortebeek. O 2º encontro realizou-se em 07/11/1896, em Rambouillet, cabendo ao estabelecimento de M. Dellemagne a primeira premiação.

M. Lucien Linden, para valorizar o acontecimento, após o 1º encontro mandou pintar algumas das *Cattleyas labiata*s pertencentes a Moortebeek - "ARDENS" - "MOORTEBEEKIENSIS" - "ALBO-MARGINATA" - "LUCIENNE" - "MÉLUSINE" - "FLAMBOYANTE".

Em 1890, temos o registro da 1ª premiação de duas *C. labiata*s Lindl., expostas por Linden na Royal Horticultural Society e que receberam um FCC.

Como se vê, o espírito das exposições orquidófilas vem de longa data, e com o correr do tempo foram-se criando conceitos de um belo perfeccionista, estabelecendo-se critérios de julgamento, levando-se em conta a FORMA, a SUBSTÂNCIA, a TEXTURA e a COR da flor. Divulguemos a nossa *C. labiata* Lindl., criando um arquivo de suas flores e promovendo exposições na época da sua floração. ▼

Cattleya labiata var. *alba* "Asa branca"



Cattleya labiata var. *concolor* "Luar de outono"



Cyrtopodium

paranaense

Schltr.

uma espécie encontrada

na Cidade do Rio de Janeiro

Foto: Maria da Penha

Classificação segundo Dressler

Subfamília: Vandoideae

Tribus: Cymbidieae

Subtribus: Cyrtopodineae

Por Maria da Penha K. Fagnani

Mario Abreu de Almeida

Dulce Nascimento

▼ Abstract:

The *Cyrtopodium* here described and illustrated was collected from a "restinga" vegetal community located in the city of Rio de Janeiro, Brazil. The area was demarcated for construction, as Barra da Tijuca is now densely populated. The plant is grown by us, in tree fern fibers "xaxim", fully exposed to the sun in a well ventilated area, with normal watering and fertilization. It flowers regularly in early Summer and the flowers last for two months; the juice of the pseudobulbs is used in popular medicine to promote healing of inflamed skin lesions. It is found in many Brazilian states, usually in coastal sand plains. *Cyrtopodium* is pollinated

by male Euglossine bees which are attracted to the flower in search of fragrant substances; these are collected by the bees and modified into other substances which are female sex attractants. Intergeneric hybrids in the Cyrtopodineae are few, we found two registered ones. *Cyrtopodium paranaense* has been widely collected but seed capsules which are easy to obtain can help in conservation efforts.

▼ Origem:

A planta aqui descrita e ilustrada foi coletada na Barra da Tijuca, Rio de Janeiro, RJ, num terreno cercado para construção de um condomínio. Data da coleta: 19/2/1989.

▼ Habitat:

Comunidade vegetal de restinga; terrestre em terreno arenoso, heliófila.

▼ Descrição:

Pseudobulbos fusiformes, o maior com 51cm de altura, no meio de até 3,5cm de espessura. Folhas herbáceas, alternas bilaterais, plicadas, forma lanceolada e ápice agudo, na base estreitadas em pseudopecíolo que se articula com a bainha que envolve o pseudobulbo; a maior de 35cm de comprimento por 5cm de largura. Nervuras rígidas.

Pedúnculo floral com bainhas espaçadas, apressas, ao todo de 1 metro de altura, e a inflorescência ereta, paniculada, com 50cm de altura.

Flores com sépalos esverdeados, pétalas amareladas e labelo amarelo áureo, brácteas florais da cor dos sépalos. Bráctea de forma elíptica, ápice apiculado, extremidade ligeiramente ondulada, concolor, medindo 1,2cm de comprimento por 1cm de largura. Pedicelo com 1,5cm de comprimento e ovário com 1cm. Sépalos iguais de forma elíptica, ápice apiculado, muito ligeiramente ondulados nas extremidades, medindo 1,2cm de comprimento por 1cm de largura. Pétalos não ondulados, de forma oboval, obtusos com mínimo apículo medindo 1,5cm de comprimento por 1,0cm de largura. Labelo trilobado, lobo terminal com 1cm de comprimento por 1,5cm de largura, no ápice levemente retuso e com o bordo no centro erguido; lobos laterais eretos, sendo a largura no ponto onde emergem os lobos laterais de 0,7cm. Coluna com pé medindo 0,7cm de altura. Duas políneas amarelas.

▼ Cultivo:

Tem sido cultivada por nós em xaxim desfibrado, em pleno sol numa área bem ventilada, com os cuidados normais de adubação e irrigação. O solo em que cresce na natureza é areia, mas areia com turfa, e um substrato arenoso pobre não seria adequado. Existem vários compostos para cultivo de orquídeas terrestres que vêm sendo utilizados por outros. Suporta um certo grau de decomposição do substrato, só devendo ser dividida quando houver necessidade absoluta. Perde as folhas nos dois meses que precedem a floração, que ocorre em dezembro. Quando surge a nova frente, esta logo é ultrapassada pela haste floral, que surge quase ao mesmo tempo. É muito florífera, com flores que duram por dois meses, perfumada pela manhã.

▼ Uso Medicinal:

O suco dos bulbos é empregado na medicina popular para a cicatrização de ferimentos. Nas farmácias de produtos naturais ainda podemos encontrar a pomada de *Cyrtopodium*, obtida dos pseudobulbos, usada na cura de ferimentos inflamados (os fabricantes compram a matéria-prima de coletores).

▼ Distribuição Geográfica:

Terrenos arenosos ao longo de quase todo o litoral brasileiro e também em terrenos arenosos de "tabuleiro", na Paraíba. No Estado

Floração de *C. paranaense*
numa área de mata ainda
preservada, na restinga
da Barra da Tijuca(1992)



Foto: Maria da Penha



Ilustração do *C. paranaense* de autoria de Dulce Nascimento

do Rio de Janeiro, era encontrada com frequência nas restingas, mas com a destruição dos *habitats* vem rareando. Na localidade de Praia Seca, na restinga da Massambaba, as plantas são mais compactas e o amarelo do labelo é mais vivo. As cápsulas são produzidas com relativa facilidade, naturalmente, ou após polinização manual, o que ajuda nos esforços para a preservação da espécie.

▼ Polinizador:

Machos de abelhas *Euglossine*, que são atraídos para a flor por causa da fragrância floral, produzida no labelo em estruturas chamadas osmóforos. Estas abelhas raspam as substâncias fragrantas e as armazenam em seu próprio corpo; em seguida transformam estas substâncias aromáticas em outras que são indispensáveis para a atividade sexual da espécie. Para o *C. paranaense* temos visto abelhas solitárias, de cor negra, grandes, possivelmente do gênero *Eulema*.

▼ Híbridos:

São poucos os híbridos intergenéricos dentro desta subtribo. Encontramos dois registrados: *Cyrtellia Orlade's Dreamer* (*Cyrtopodium andersonii* x *Ansellia africana*) e *Grammatopodium Eclipse* (*Cyrtopodium andersonii* x *Grammatophyllum scriptum*).

▼ Nota:

Em *Orquidário*, vol. 12, nº4, págs. 103-104, Lou C. Menezes altera o nome de *Cyrtopodium paranaense* Schltr. para *Cyrtopodium polyphyllum* (Vell.) comb. nov.

Foto: Maria da Penha

Detalhe da floração
do *C. paranaense*
na restinga
da Barra da Tijuca



▼ Agradecimentos:

Carlos A. A. de Gouveia pela pesquisa dos híbridos.

▼ Bibliografia:

Hoehne, F. C. 1942. Flora Brasílica, vol. 12 (6) Departamento de Botânica, São Paulo, 16-17.

Corrêa, M. P. & Penna, L. de A. 1984. Dicionário das plantas úteis do Brasil, vol. 6. I.B.D.F., Rio de Janeiro, 156-157.

Williams, N. H. 1982. The biology of orchids and *Euglossine* bees, em *Orchid Biology Reviews and Perspectives*, II. Joseph Arditti, Londres, 119-171.

Maria da Penha K. Fagnani
Rua das Palmeiras, 93 / apto. 803
Rio de Janeiro, RJ - Brasil - CEP 22270-070
e-mail: mfagnani@ccard.com.br

Mario Abreu de Almeida
Rua Dr. Sattamini, 292 / cob. 03
Rio de Janeiro, RJ - Brasil - CEP 20270-231

Dulce Nascimento
Rua Pinheiro Guimarães, 149 / casa 143
Rio de Janeiro, RJ - Brasil - CEP 22281-080
e-mail: d.nascimento.opelink.com.br

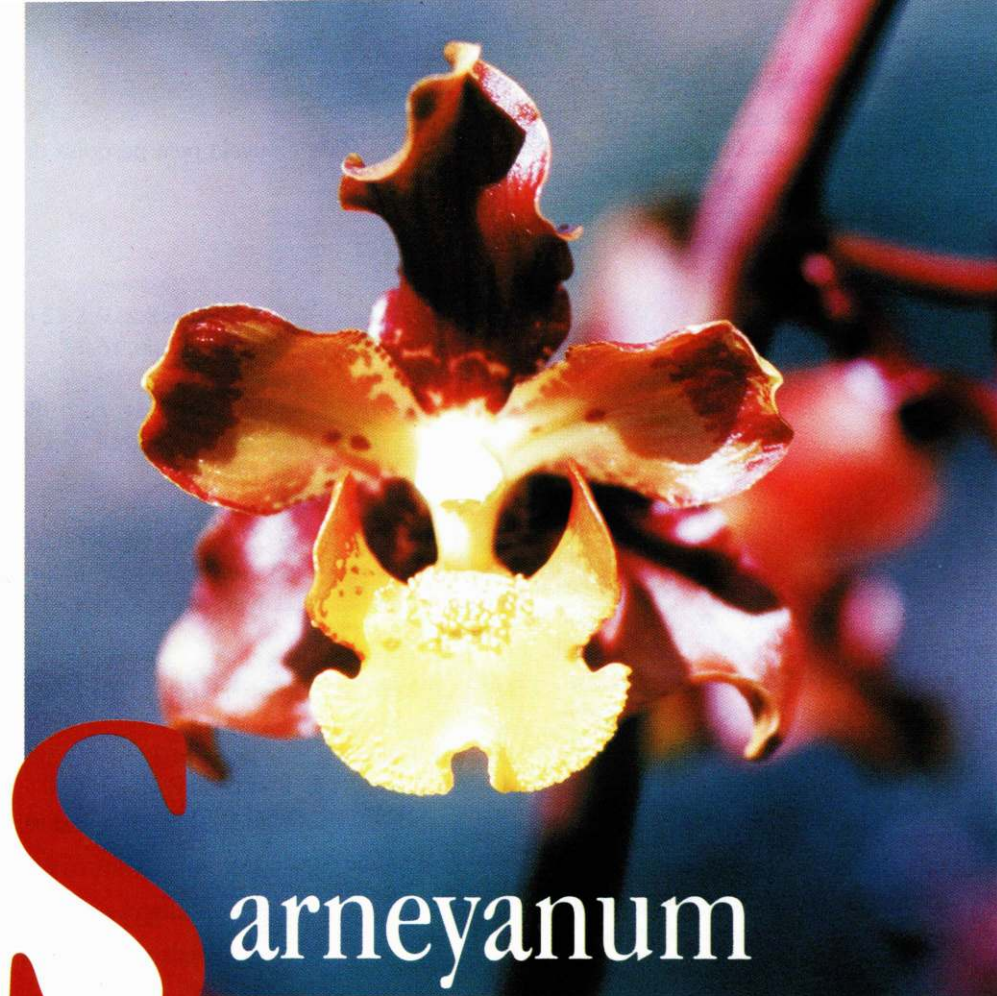


Foto: Lou Menezes

Sarneyanum um novo *Cyrtopodium*

Por Lou Menezes

Espécie terrestre de solo argilo-arenoso encontrada vegetando no interior de mata arbustiva ao abrigo parcial da luz solar, no Município de Pimenta Bueno, Estado de Rondônia.

As plantas desta espécie exibem folhas coriáceas e plicadas muito grandes para o gênero e pseudobulbos ovóide-alongados com 10cm de altura; a haste floral (100cm de altura), geralmente apresentando duas ramificações, mostra flores inacreditavelmente grandes quando comparadas às demais espécies brasileiras do gênero, ou seja, com 4cm de diâmetro; as pétalas são amarelo-esverdeadas

com as extremidades maculadas de marrom acastanhado e as sépalas predominantemente amarronzadas; o labelo amplo possui um lobo médio arredondado, amarelo vivo com margem circundante levemente verrucosa; os lobos laterais típicos da maioria das espécies são coloridos quase que totalmente de castanho alaranjado; o calo é verrucoso-rugoso.

Cyrtopodium sarneyanum é dedicado ao Deputado José Sarney Filho, Ministro do Meio Ambiente, em face de sua luta em prol da preservação e conservação da natureza no Brasil. Floresce no fim de outubro e início de novembro, em plena primavera.

▼ Description

Terrestrial species growing in clayey-sandy soil in scrub forest partially sheltered from sunlight, in the municipality of Pimenta Bueno, Rondônia State.

Plants of this species have leatherly, plicate leaves that are very large for the genus, and elongate-ovoid pseudobulbs 10cm in height. The flower spike (100cm in height) generally has two branches bearing flowers that are incredibly large compared with those of other Brazilian species of the genus, i.e., 4cm in diameter. The petals are greenish-yellow with brown-spotted tips, while the sepals are predominantly brownish. The broad lip has a rounded midlobe that is bright yellow with a slightly verrucose margin. The lateral lobes are typical of most other species, almost completely orange-brown. The callus is verrucose-rugose.

Cyrtopodium sarneyanum is named in honor of José Sarney Filho, Minister of Environment, for this efforts on behalf of the preservation and conservation of nature in Brazil. It flowers in late october and early november, in the middle of spring.



▼ Diagnosis:

Cyrtopodium sarneyanum

L. C. Menezes sp. nov.

Planta terrestris in solo argilo-arenoso; radicibus crassiusculis, fasciculatis; pseudobulbi fere omnino humo tecti, conico-ovati, 8-10cm alti; folia 4-6, coriacea, plicata, 36-62cm longa, 5-6cm lata, apice acuto; inflorescentia racemosa, erecta, 100cm alta; bracteis floralibus ovato-lanciolatis, 3,6cm longis, 1,6cm latis, apice acuto; flores cum 4cm in diametro; sepalis cum marginibus undulatis; colore brunneo-fulvo, 2,5cm longis, 1,4cm latis, apice acuto; petalis colore flavo cum apice rotundato brunneo-fulvo, 2cm longis, 1,4cm latis; labello cum lobis

lateralibus rotundatis et apice ampliato colore brunneo-fulvo; lobo mediano colore flavo ardenti, rotundato cum margine leviter rugosa; callo amplo verruculoso rugoso; columna teretiuscula paulum clavata et curvata; rostello apice triangulari conspicue projecto; pollinis binis et globulosis; capsula ignota.

Habitat in Statu Rondonia. Floruit mense novembri anni 1999. Legit Lou Menezes. Holotypus - UB78

Magnífica
Floração
da C. Lulu
(foto 14)

A s cores do verão

Texto e fotos por
Sérgio Barani

A seção Nossos Híbridos é um espaço destinado à divulgação de híbridos feitos no Brasil e de todos os aspectos relacionados. Nesta edição nosso colaborador é Sérgio Barani, jovem talentoso, que nos brinda com comentários sobre suas recentes criações, indicando algumas das estratégias utilizadas.

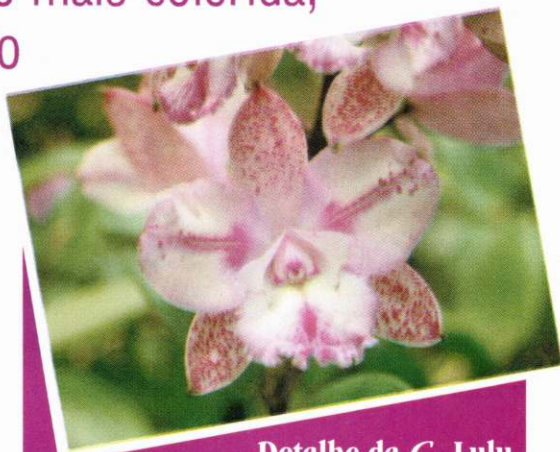
O verão é talvez a estação mais colorida, isso se estivermos falando sobre "híbridos de *Cattleya*".

Esta denominação inicialmente referia-se somente aos híbridos obtidos com a combinação de quatro gêneros: *Cattleya*, *Laelia*, *Brassavola* e *Sophronitis*.

Sabemos que a cada dia, em todo o mundo, híbrdutores se ocupam em produzir novidades, em grande número e cada vez mais complexas. Atualmente dentro desse grupo de "híbridos de *cattleya*" podemos encontrar os *Brassodiocrum*, as *Brassoepilaelia*, as *Cattleytonia* etc., que são os híbridos obtidos com os gêneros afins, somados ou não, aos do grupo inicial. Nosso objetivo é enfatizar três dos gêneros do grupo inicial, que são os maiores colaboradores na produção dessas maravilhas: *Cattleyas*, *Laelias* e *Brassavolas* (*Rhyncholaelia*).

A escolha desses três gêneros é proposital, pois participam da solução de um problema que existe hoje no meio orquidófilo nacional, mas que, como já podemos observar, está sendo resolvido, com a ajuda, em grande parte, de espécies e híbridos brasileiros e/ou oriundos de espécies brasileiras: a obtenção de plantas com características comerciais e que, ao mesmo tempo, introduzam "novas cores" nos híbridos com floração no final da primavera e início do verão, principalmente.

Para se obter a floração no final do ano, são necessários híbridos e espécies desta época que possam nos dar características diferentes dos híbridos mais tradicionais destes meses, como: *Lc. Canhamiana*, *C. Dupreana*, *C. Dinah* etc. Alguns híbridos primários estão sendo "redescobertos" como opção, onde podemos citar: *Lc. Luminosa*, *C. Hardiana* e as tradicionais versões coeruleas das *C. Valentine* e *C. Whitei* (foto 1). Esses novos híbridos substituiriam algumas espécies que, pela falta de opções nesta época, acabam indo para o



**Detalhe da *C. Lulu*
(foto 2)**

mercado de decoração, não possuindo características comerciais para isso, tais como *L. purpurata*, *L. lobata*, *C. warnerii*, *C. guttata* etc., que, reconhecidamente, não resistem ao transporte e às mudanças de ambiente, além de possuírem porte avantajado. (Testemunham aqui a nosso favor orquidófilos e profissionais, que executam verdadeiras "operações de guerra", lançando mão de toda uma parafernália que inclui caixas, embalagens plásticas, estacas, isolamento térmico, papéis de seda, algodões, fitas adesivas, além de "araminhos

Foto 1: *C. Whitei*





Foto 3: *Bc. Nobile's Carnival*



Foto 4: *Bc. Nobile's Carnival*

e suspensórios" em geral, para realizar um espetáculo que é uma exposição de orquídeas...). As flores produzidas nestas plantas e na maioria de seus híbridos de primeira e segunda geração, apesar de rara beleza, não possuem substância e/ou longevidade, o que se traduz na pouca durabilidade da floração.

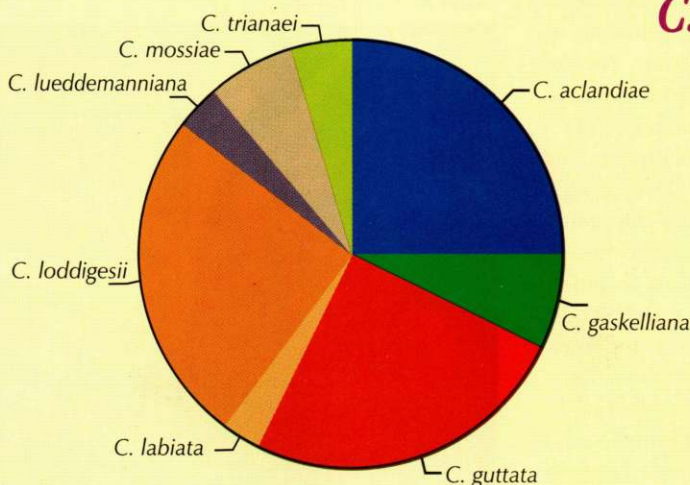
Atente-se também para a realidade dos fatos: totalmente adaptadas a seus habitats, muitas espécies, para se protegerem das intempéries ou para ficarem num ângulo melhor para seus polinizadores, florescem "olhando para baixo", o que para a "nossa realidade" de admiradores é indesejável, pois normalmente observamos as flores do alto ou, no máximo, do mesmo nível em que estão colocadas.

Estamos conscientes de que uma das maiores imperfeições da nossa espécie reside no fato de não admirarmos as outras, tais como são e sim estarmos sempre tentando mudá-las, segundo nossos padrões de perfeição... Podemos passar à parte mais prazerosa, que é ver um pouco dos caminhos que levam à solução destes "problemas"...

São incontáveis as possibilidades de combinação entre as espécies destes três

C. Lulu

Análise das espécies



gêneros e seus híbridos. Aqui vamos tratar de algumas que já podem ser encontradas nos orquidários e estão sendo utilizadas com freqüência.

Aproveitando-se de suas características de época, como dissemos, e outras qualidades como vigor, cor, substância, além do fato de algumas serem multifloras, encontramos: *C. intermedia*, *C. loddigesii* (que para efeito de registros na RHS é considerada como sendo o mesmo que *C. harrisoniae*), *C. guttata* (o mesmo tratamento é dado à *C. tigrina*), *C. bicolor*, *C. aurantiaca*, *C. forbesii*, *C. aclandiae*, *C. schilleriana*, entre outras que compõem com menos freqüência. Ainda entre as *Cattleyas*, a *C. dowiana aurea* é determinante para a obtenção de amarelos e vermelhos desta época do ano.

As *Laelias* utilizadas com mais freqüência são: *L. purpurata*, *L. tenebrosa*, *L. cinnabarina*, *L. xanthina*, *L. flava*, *L. briegei* etc.

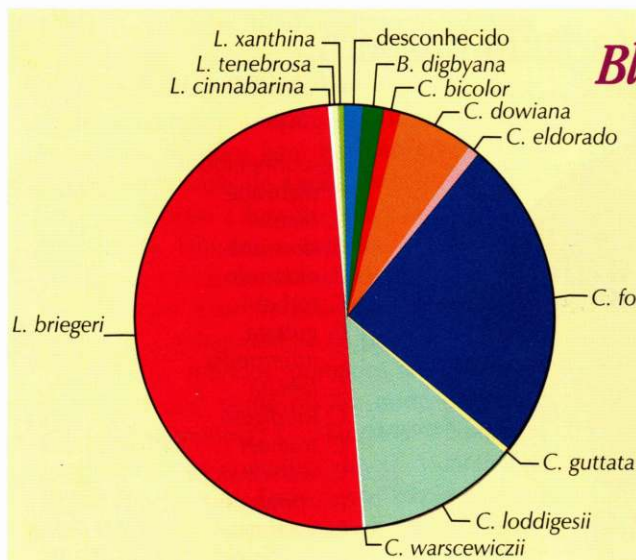
A *Rhyncholaelia digbyana* é sem dúvida a que mais aparece como ancestral, que para efeito de registro é tratada como *Brassavola*. Juntas, *B. digbyana*, *B. glauca* e *B. nodosa* são as mais freqüentes.

Juntamente com as qualidades genéticas que procuramos agregar, quando utilizamos estas espécies nos cruzamentos, trazemos para



Foto 5: *Blc. Nobile's Carnival*

o híbrido algumas características que podem ser consideradas indesejáveis... (Isto porque se resolveu considerar como forma perfeita uma flor imaginária que teria elementos tão largos que preencheriam um círculo e que, quando observada lateralmente, ainda seria plana!!!). As características "indesejáveis" que o uso destas espécies normalmente transmite à progênie são: porte alto e bifoliado, com flores de elementos ondulados e/ou curvos (caso da maioria das *Cattleyas* bifoliadas), o que dificulta o transporte e a embalagem; flores de forma estrelada e/ou com o labelo desproporcional, grande e curvo para baixo, no caso das *Laelias* rupícolas; ou ovários tão



Blc. Haw Yuan Moon

Análise da espécies

espécies	contribuição
desconhecido	1,56%
<i>B. digbyana</i>	1,66%
<i>C. bicolor</i>	1,07%
<i>C. dowiana</i>	5,86%
<i>C. eldorado</i>	0,98%
<i>C. forbesii</i>	25,00%
<i>C. guttata</i>	0,20%
<i>C. loddigesii</i>	12,50%
<i>C. warscewiczii</i>	0,10%
<i>L. briegei</i>	50,00%
<i>L. cinnabarina</i>	0,10%
<i>L. tenebrosa</i>	0,39%
<i>L. xanthina</i>	0,59%



Foto 6: *Blc. Julio Barbero*

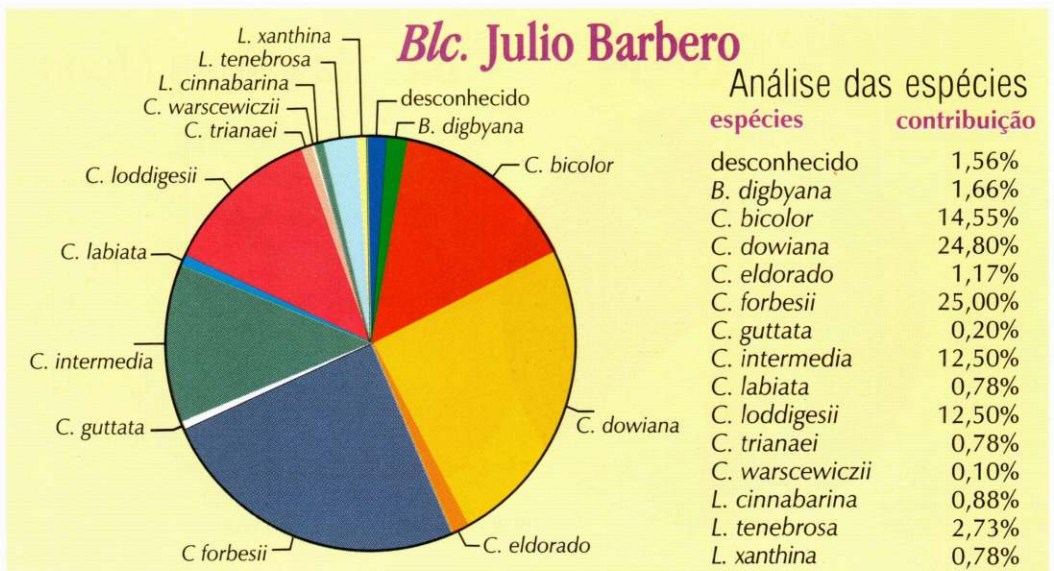


Foto 7: *Blc. Nobile's Flame*

longos e finos, que fazem com que as flores fiquem literalmente penduradas, sépalas bastante delgadas e com flores que não abrem simultaneamente na haste, como no caso das *Brassavolas*. Estas características são atenuadas ou até eliminadas com hibridações posteriores.

Podemos citar alguns e ilustrar outros dentre os muitos híbridos que estão sendo mais utilizados para esse fim e observar as espécies que entram na sua composição, como por exemplo: *C. Chocolate Drop* (*C. guttata* x *C. aurantiaca*), *C. Lulu* (ver gráfico e fotos 2 e/ou 14) *C. Haw Yuam Moon* (ver gráfico), *Lc. Alexis Sauer* (foto 11), *Blc. Julio Barbero* (ver gráfico e foto 6), *Blc. George Suzuki* (foto 8), *C. Penny Kuroda*, *C. Pão de Açúcar*, *Lc. Carolina Frota* (ver gráfico).

Observando as *Blc. Nobile's Carnival* (*Lc. Alexis Sauer* x *Blc. Ademar Manarini*), fotos 3, 4 e 5, das primeiras plantas a florescer em dezembro, e o diagrama de contribuição proporcional das espécies, conseguimos identificar alguns traços marcantes dessas espécies: tamanho e cor (*C. dowiana* e *L. tenebrosa*), substância (*C. bicolor*), colorido das pétalas (*C. intermedia*, certamente uma flâmea). Outras características, o leitor poderá identificar



num exercício que, acredito, seja o responsável pela produção da "Endorfina dos Híbridos".

Aproveitamos para admirar o belo efeito obtido na *Blc.* Nobile's Flame, foto 7 (*Lc.* Alexis Sauer x *Lc.* Royal Emperor), que também produz flâneas lilazes.

Na *Blc.* Helio Maurício Bittencourt (*Blc.* Haw Yuan Moon x *Lc.* Carolina Frota), foto 12 e diagramas, percebemos a magnífica química no colorido proporcionado pelas *C. dowiana*, *L. cinnabarina* e *L. briegeri*. O porte e a haste floral da planta, aberta em dezembro, lembram as rupícolas. Observando-se a *Blc.* Nobile's Bruno Bruno, foto 10 (*C.* Chocolate Drop x *Blc.* George Suzuki, foto 8), podemos identificar, além da cor, a substância, emprestada pelas *C. guttata* e *C. aurantiaca*, numa haste floral que deverá portar de 6 a 8 flores, quando adulta. Foram responsáveis pelo tamanho das flores a *Blc.* Norman's Bay, *Blc.* Waianae Sunset e *C. Nigrella*, que compõem a *Blc.* George Suzuki.

Ainda envolvendo a *C. Chocolate Drop*, podemos observar o alegre resultado, quando cruzada com *L. briegeri* (foto 9).

Podemos encerrar esta "Pincelada"



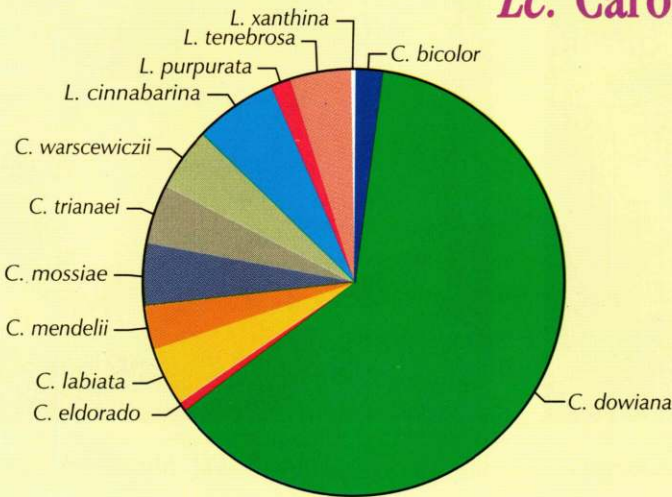
Foto 8: *Blc.* George Suzuki



Foto 9: *L. Briegeri* x *C. Chocolate Drop*

Lc. Carolina Frota

Análise das espécies



espécies	contribuição
<i>C. bicolor</i>	1,95%
<i>C. dowiana</i>	62,89%
<i>C. eldorado</i>	0,39%
<i>C. labiata</i>	4,69%
<i>C. mendelii</i>	3,13%
<i>C. mossiae</i>	4,69%
<i>C. trianaei</i>	4,69%
<i>C. warscewiczii</i>	4,69%
<i>L. cinnabarina</i>	6,25%
<i>L. purpurata</i>	1,56%
<i>L. tenebrosa</i>	4,69%
<i>L. xanthina</i>	0,39%



Foto 10: *Blc.* Nobile's Bruno Bruno



Foto 11: *Lc.* Alexis Sauer



Foto 12: *Blc.* Helio Maurício Bittencourt



Foto 13: *Blc.* Shiniti Ishikawa

pelo vasto capítulo "Híbridos de *Cattleya*", apresentando a *Blc.* Shiniti Ishikawa "Nobile's Pallet" (foto 13).

Cruzamos a *Blc.* Julio Barbero "Nobile's Fire Crown", foto 6 (*Blc.* Waikiki Gold x *Lc.* Alexis Sauer), que floresce no início de janeiro e produz 5 magníficas flores em cada haste, com *C.* Lulu "Saturn", foto 14 (*C.* Penny Kuroda x *C.* Brabantiae), que porta hastes com até 18 flores, nos meses de dezembro e janeiro.

A *Blc.* Shiniti Ishikawa floresceu pela primeira vez no mês de dezembro de 1999, precocemente, no tamanho 3", com uma única flor, mas já apresenta o prelúdio do que deverá ocorrer com floração plena; plantas muito floríferas, com grande variação de cores, manchas e pintas em profusão, produzindo uma infinidade de distintas plantas, para colaborar com o nosso colorido verão. ▼

Sérgio Barani - Nobile Flores

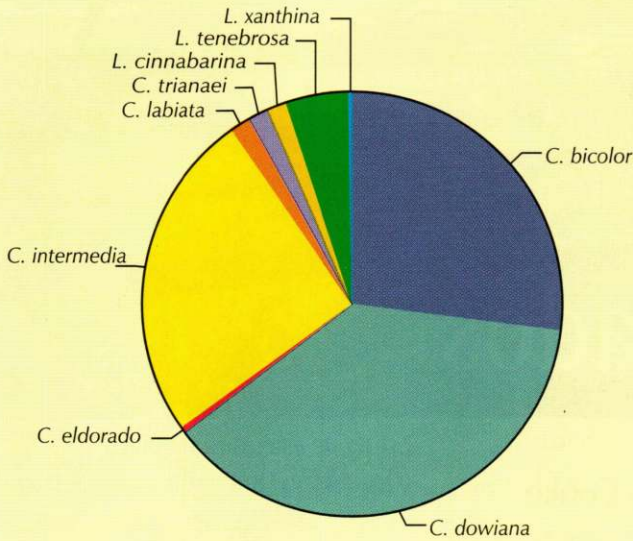
E-mail nobileflores@uol.com.br

Caixa Postal 27- Guararema

São Paulo - Brasil - CEP 08900 - 970

Lc. Alexis Sauer

Análise da Espécies



ABSTRACT

Early summer is a good time for orchid sales, due to the Christmas and New Year holidays. However, obtaining quality Cattleyas that bloom at this time of the year is not an easy task. Even though two large-sized Cattleya species flower during the Christmas season (*C. warscewiczii* and *C. dowiana*), hybrids with heavy influence of these two species usually lack keeping qualities during the hot days of this season. They are also deemed as tricky to grow. Sergio Barani, a commercial orchid grower from São

Paulo, tells us what he has been doing to create colorful and long-lasting Cattleyas, which grow and bloom freely, for the summer season. He has extensively used bifoliate Cattleyas to impart multiflower spikes, heavy substance and contrasting colors, plus lithophytic Laelias such as *L. briegei*, which contribute with compact growing habit and ease of culture. By combining parents with these species in their background, he has been able to produce high quality Cattleyas for a peak sales season.

Estufas e telados



Estufa de estrutura metálica
(Orquidário Quinta do Lago - Petrópolis)

Por Eng. Agr. Roland Brooks Cooke

ABSTRACT

In this article, Roland Cooke deals with the fundamentals of building suitable environments for growing orchids in Brazil. With most of its territory in the tropics, Brazil features higher average temperatures than most orchid-growing countries. As thus, the typical greenhouse used in cooler climates is usually not adequate for brazilian amateur and professional orchid growers. Mr. Cooke shows and discusses construction styles ranging from simple shade houses to more expensive brick & fiberglass structures, also evaluating the new "Holambra" - style steel and plastic sheet greenhouses, now becoming

Como sabemos, os fatores determinantes do grau de sucesso no cultivo das orquídeas são Luz, Água, Substrato, Adubação, Umidade Ambiente, Ventilação e Controle de Pragas e Doenças. Destes, apenas a adubação não tem relação direta com o tipo de local no qual as plantas são cultivadas. Dependendo do tipo de estrutura em que serão abrigadas as plantas, será necessário adaptar desde fatores como substrato e rega até o tipo de planta que se pretende cultivar.

Na natureza, poucas orquídeas vivem totalmente expostas aos elementos (sol, chuva, vento). Um bom exemplo destas plantas extremamente rústicas é o gênero *Cyrtopodium*, que

suporta até mesmo as queimadas anuais de seu habitat. Por isso mesmo, os *Cyrtopodium* são bons exemplos de orquídeas que podem ser cultivados ao ar livre e sol pleno, em jardins, desde que respeitadas condições mínimas de umidade e nutrientes. A grande maioria das orquídeas é muito mais exigente em termos de proteção. Mesmo espécies muito resistentes, como *Cattleya nobilior* e as *Laelia* rupícolas, contam com a sombra das árvores do cerrado e capins das cangas de minério, para fornecer algum abrigo do sol, pelo menos durante os meses mais quentes do ano.

Por outro lado, as condições onde as plantas vivem na natureza, embora inóspitas,

proporcionam algumas condições muito próprias para a vida dessas espécies. Assim, as epífitas raramente sofrem com períodos de chuvas prolongados, pois suas raízes se localizam na superfície dos galhos das árvores, sem risco de asfixia por acúmulo de água. A copa das árvores fornece uma luz difusa, vinda de cima, na medida exata para a espécie em questão. Geralmente, espécies que apresentam maior demanda luminosa vivem nos galhos mais altos, ao passo que aquelas que exigem mais sombra e umidade vicejam no tronco e nos galhos rasteiros, próximos ao solo. Podemos dizer que uma boa árvore, frondosa mas de copa aberta, de casca rugosa e firme, num local de boa umidade relativa (> de 50%), é um excelente local para o cultivo de muitas espécies de orquídeas. De fato, há orquidófilos que mantêm suas coleções inteiras plantadas em árvores, com muito sucesso.

Entretanto, a maior parte dos orquidófilos não dispõe de condições tão propícias. Ao mesmo tempo, a imobilização de uma orquídea na árvore dificulta sua apreciação pelo orquidófilo e a sujeita ao ataque de pragas e doenças, sem possibilidade de controle eficaz. Assim, a grande maioria dos amadores e profissionais opta por um local próprio para suas plantas, que são cultivadas em vasos, placas ou outros substratos. Esse local deverá ser não só capaz de proporcionar condições de luminosidade, umidade ambiente e ventilação, que permita manter as plantas em condições ideais de cultivo, como também ser adequado às limitações de área, de disponibilidade financeira, de presença de vizinhos e até de ordem estética.

Ao iniciar-se no cultivo das orquídeas, o novato geralmente não possui um local próprio para elas. Com poucas plantas não se justifica construir um orquidário. Assim, a solução encontrada geralmente passa por:

a) deixar a planta dentro de casa próxima a uma janela;

b) pendurar a planta à sombra de uma varanda ou árvore. Ambas as soluções, embora possam apresentar resultados satisfatórios, não são as mais adequadas para obter crescimento e floração aceitáveis. Nos EUA, é muito comum o cultivo dentro da casa ou

apartamento, utilizando-se para isto uma caixa especialmente preparada de vidro ou policarbonato e forte iluminação tipo Gro-Lux ou similar. Na verdade são miniestufas, onde as condições ótimas de cultivo são reproduzidas. Evidentemente, seu custo é alto e podem abrigar um número pequeno de plantas (daí o sucesso, nos EUA, de *Cattleya* miniatura ("mini-Catts") e *Phalaenopsis*, plantas que exigem menor intensidade luminosa e permanecem por longo tempo em flor).

No Brasil, dadas as nossas condições de luminosidade e temperatura, as exigências para a construção de um local onde as orquídeas possam se desenvolver adequadamente são muito menores. Não há problemas de congelamento por nevascas (embora haja risco de geada em algumas regiões), nem ocorrência de furacões ou outros fenômenos que possam impossibilitar o uso de estruturas simples, de baixo custo, para um excelente cultivo de orquídeas.

Nesse texto, utilizamos o termo *estufa* para designar estruturas com cobertura impermeável (sem acesso de chuvas às plantas), muito embora esse não seja o termo mais correto. Uma estufa, no sentido estrito da palavra, é uma estrutura fechada, em que se busca proporcionar altas temperaturas, mesmo sob condições externas de extremo frio. No Brasil, uma *estufa* tradicional apresentaria problemas de superaquecimento que a tornaria imprópria para o cultivo de orquídeas, exceto talvez nas regiões serranas mais frias (acima de 1000m de altitude) ou nas áreas do Sul sujeitas a geadas. Usamos o termo *estufa* por ser a forma tradicional de se referir a casas de vegetação, onde as condições são controladas, em maior ou menor grau, de modo a proporcionar um ambiente adequado às plantas.



Telados e estufas

A primeira questão a ser resolvida, quando da escolha da estrutura mais apropriada, é se o que se quer é uma **estufa**, onde as plantas são protegidas da chuva, ou um **telado**, estrutura que permite livre acesso da chuva às plantas. Os telados, conhecidos também como ripados, são estruturas muito simples, com uma

armação que permite fixar uma tela por sobre as plantas, a qual tem a função de filtrar a luz solar, reduzindo sua intensidade, proporcionando uma luminosidade ideal. Antes do advento das telas de polietileno, próprias para telados, a forma mais usual de se construir um "ripado" era com ripas de madeira resistente ou mesmo bambu, espaçadas cerca de 2cm entre as ripas, de modo a promover um sombreamento que se "movesse" de acordo com a trajetória da luz solar, distribuindo-a de forma mais ou menos uniforme. Com a introdução das telas tipo *sombrite*(1), resistentes à ação dos raios ultravioleta, a construção de um telado eficaz foi muito simplificada, bastando escolher qual a densidade da malha a usar (recomenda-se de 70 a 80% para *Cattleyas* e 50% para *Vandas*) e esticá-la sobre uma estrutura metálica ou de madeira (resistente à umidade, como massaranduba), fechando o teto e as laterais. A estrutura deve ter entre 2,50 e 4m de altura, dependendo da região (quanto mais quente a região, mais alto deve ser o telado, para garantir boa ventilação). O custo de uma estrutura usando tela de polietileno dificilmente supera os R\$ 10 por metro quadrado, sendo assim uma boa opção para orquidários de pequeno porte. Existem telas no mercado, produzidas por diversos fabricantes, com densidade de 18 a 80%, em rolos com 50 ou 100 metros de comprimento, e largura entre 1,50 e 3m, podendo-se adquirir peças menores no varejo.

Entretanto, a manutenção das orquídeas sob telado apresenta também algumas desvantagens, das quais a mais importante é a impossibilidade de se controlar a incidência das chuvas sobre as plantas. Assim, em períodos de chuvas prolongadas há risco de ocorrência de podridão nas plantas, causado pelo excessivo encharcamento do substrato. Para se contornar este problema, podem ser substituídos os vasos tradicionais, de barro ou plástico, por caixetas de madeira, pedaços de casca de árvores ou outros substratos que retenham menos água. Manter as plantas penduradas e não sobre mesas ou bancadas. No Sul do Brasil, o cultivo da *Laelia purpurata* é feito principalmente sob telados, com plantio em caixetas e substrato de pedaços de xaxim-

ferro, colocados com as fibras na vertical. As plantas enraízam muito bem nesse sistema e se desenvolvem adequadamente. Para as *Vandáceas*, que praticamente não recebem substrato algum, o sistema de telado é particularmente apropriado, desde que não haja acidificação da água de chuva por poluentes industriais.

As plantas mantidas sob telado, principalmente as *Cattleyas*, adquirem um aspecto mais rústico, com folhas mais espessas, muitas vezes com forte coloração avermelhada. Embora esse aspecto seja aceitável para o amador, para os orquidários comerciais pode não ser desejável. Adicionalmente, por questões de custo, os estabelecimentos comerciais geralmente cultivam suas plantas acondicionadas em vasos de plástico ou barro, tornando obrigatória a construção de uma estufa para proteção das plantas.

A seguir, apresentamos as várias formas de construção de uma estufa pelo orquidófilo amador ou profissional. A opção entre um ou outro sistema irá depender do tamanho do orquidário e do terreno onde será instalado, bem como outros fatores como custo aceitável, estética e vizinhança. Em áreas urbanas, até mesmo a legislação municipal é importante e deve ser analisada, pois alguns tipos de construção, além de necessitar de alvará, podem criar contingências de IPTU.

O tamanho do orquidário tem peso decisivo do tipo de estrutura a ser adotada. Quanto menor o orquidário, menor o volume de ar no seu interior. Conseqüentemente, o aquecimento durante o dia é muito mais rápido, da mesma forma que durante a noite a temperatura baixa rapidamente. No caso de uma pequena estufa (25 a 30m³), sem ventilação adequada, a temperatura pode facilmente chegar aos 50° durante as horas mais quentes do dia no verão, o que será fatal para as plantas. Assim, quanto menor a estrutura, melhor terá de ser seu sistema de controle de temperatura. Há diversas maneiras de se controlar a temperatura da estufa, seja por ventilação, pulverização de água, sombreamento adicional e até mesmo equipamentos próprios para resfriamento, tipo ventiladores industriais, micronebulizadores e *pad-fans*(2).

De todos, a ventilação é o que tem o menor custo de construção e operação. Estufa em clima quente deve ser muito bem ventilada, com laterais totalmente abertas (ou com uma tela de malha mais fina, tipo 30%), e mecanismos para a exaustão do ar quente retido sob o telhado. Para se compensar a perda de umidade causada pela maior ventilação, o piso deve ser feito de uma camada grossa de brita fina (pedrisco) que se possa manter constantemente úmida. Em casos extremos de excesso de temperatura, pode-se optar por sombrear a estufa com uma tela de polietileno de 30%, tomando-se o cuidado de não sombrear em excesso. Sempre é bom ter em mente que é muito mais fácil aquecer uma estufa no inverno do que resfriá-la no verão.



Estufa tipo *Holambra* instalada no Rio de Janeiro (Orquidário JLB). Note a excelente ventilação lateral e os sistemas de ventilação forçada e micronebulização para controle da temperatura. O piso é composto de pedrisco, mantido sempre úmido.



No passado, as estufas construídas no Brasil seguiam os padrões dos EUA e Europa, onde as temperaturas no inverno muitas vezes ficavam dias seguidos abaixo de 0°. De modo geral eram estufas baixas (pé-direito em torno de 2m) e estreitas (entre 3 e 5m), com telhado de vidro bastante inclinado. As paredes eram de alvenaria, fechadas, com pouca ventilação.

Embora funcionassem adequadamente, eram caras, pouco eficientes, difíceis de manejar e tornavam-se excessivamente quentes no verão. Com o surgimento das telhas translúcidas, de plástico ou fibra de vidro, nos anos 70, os conceitos foram modificados, e as estruturas ficaram mais leves e arejadas. Como as novas telhas podiam ser compradas em dimensões que chegavam a 6m de comprimento por 1m de largura, tornou-se possível construir estufas de maior largura com menor inclinação do telhado. O pé-direito subiu para 3 a 4m, melhorando a ventilação. Surgiu a estufa de alvenaria com telha plástica, ainda hoje muito utilizada. Do ponto de vista estético, é a mais atraente (ou menos feia, dependendo do

ponto de vista!), pois pode ter paredes pintadas, integrando-se na arquitetura da residência. Por permitir o rápido fechamento das laterais, apresenta vantagens em climas mais frios, sujeitos a geadas. Continuando a evolução deste tipo de estrutura, surgiram as estufas de ferro, com estrutura em perfis de aço, soldadas e pintadas. As vigas podem ser sustentadas por colunas também de ferro ou de concreto armado, sendo as telhas onduladas fixadas com parafusos próprios. Existem também estruturas feitas inteiramente de concreto armado (pré-moldado), seguindo o padrão de galpão industrial, porém de custo elevado. Por fim, surgiram as estufas tipo *Holambra*, nome derivado da cidade paulista, grande produtora de flores, onde foram implantadas de forma pioneira. O padrão *Holambra* revolucionou o conceito de construção de estufas agrícolas no Brasil, pois, ao eliminar a necessidade de utilização de telhas onduladas translúcidas, de alto custo, reduziu consideravelmente o custo de construção de um orquidário, além de proporcionar ótimas condições para o cultivo de orquídeas.

A seguir, os principais métodos construtivos estão assim assinalados:

a) Estufas de alvenaria com telhas onduladas translúcidas

Ainda hoje são uma boa escolha, principalmente para regiões mais amenas ou onde o espaço é restrito ou sujeito a considerações de ordem estética. Compõe-se de um galpão com quatro paredes (baixas, de 50cm a 1m, para assegurar boa ventilação) e colunas de concreto armado de 2,50m a 3,50m, sobre as quais serão afixadas as vigas do telhado (em madeira de lei ou ferro), e os caibros, onde as telhas serão pregadas ou aparafusadas. As dimensões da estufa podem variar, mas deve levar-se em conta que, para uma estrutura simples, a largura não deve ser superior a 6m, pois dificilmente se encontram peças de madeira (para montar a estrutura



Estufa de alvenaria (Orchidcastle - Petrópolis), com telhas translúcidas (leitosas), medindo 8 x 6m. Note as grandes janelas com tela e a parede dos fundos em cerâmica vazada, garantindo ótima ventilação.

principal do telhado) com comprimento superior a essa medida. Se ultrapassar os 6m, poderá ser necessário utilizar colunas adicionais de sustentação no interior da estufa ou sistemas mais complexos de montagem do telhado, mas irão encarecer a obra.

As telhas onduladas podem ser feitas de plástico (geralmente PVC) ou de fibra de vidro com revestimento de resina. As de plástico são mais fáceis de instalar (não há fibra de vidro, que é irritante da pele) e apresentam excelente aspecto por vários anos (de 5 a 12, dependendo das condições de insolação e temperatura da região). No final de sua vida útil, tornam-se bastante frágeis, podendo apresentar furos causados por grando, tornando-se também totalmente enegrecidas e torcidas em alguns casos. Já as de fibra de vidro, embora de vida útil semelhante, apresentam custo um pouco menor (em torno de R\$ 15 por m², dependendo do tamanho e espessura). Com o tempo, a camada de resina que as reveste desgasta-se por ação dos raios ultravioleta do sol, deixando as fibras à mostra. Estas retêm água da chuva, criando um limo que escurece a telha. Pode-se recuperar a telha em tais condições, lavando-a (sem desmontar) e aplicando nova camada de resina com trinchã ou pistola.



Estufa de alvenaria (Orchidcastle - Petrópolis), com 250m² (10x25), utilizando telhas de fibra de vidro, intercaladas com fibrocimento.

Note a deficiente ventilação, provocada pelo uso de uma parede alta, sem janelas (muro de arrimo). Como a luminosidade foi diminuída, não houve excesso de temperatura.

Estufa própria para *seedlings*.

externa de tela tipo *sombrite*(2), permitindo pendurar pequenas placas de xaxim nas laterais. O custo varia muito, em função dos preços para estruturas metálicas. Pode-se contratar um serralheiro e adquirir as peças metálicas, que serão soldadas e montadas no local, ou adquirir unidades pré-fabricadas. Na região serrana do RJ, o custo fica em torno de R\$ 60 por m². É preciso monitorar anualmente o estado de corrosão da estrutura e repintar, se necessário.

Quinta do Lago (Petrópolis)



Foto: Maria do Rosário

Estende-se a vida da telha em 3 a 5 anos dessa forma. Qualquer que seja a escolha da telha, ela deverá ser do tipo "branco leitoso", devendo-se evitar as telhas coloridas e as incolores. Em alguns casos, podem ser intercaladas telhas opacas (de fibrocimento) entre as telhas translúcidas, diminuindo a luminosidade e o custo. Neste caso, deve-se levar em conta que as telhas irão escurecer ao longo dos anos, podendo resultar numa estufa com luz insuficiente após 4-5 anos. Uma boa opção é intercalar telhas opacas na proporção 1:2 (uma para cada 2 telhas translúcidas).

Dependendo de detalhes como acabamentos, instalações elétricas e hidráulicas, o custo de uma estufa de alvenaria, com estrutura do telhado em madeira e telhas de fibra de vidro, pode variar entre R\$ 50 e R\$ 100 por m². Um detalhe a ser considerado é que, como se trata de estrutura de alvenaria, há necessidade de licença da Prefeitura para construção, bem como possível cobrança de IPTU, nas áreas urbanas.

b) Estufas de ferro com telhas onduladas translúcidas

Semelhantes à anterior, onde os componentes de concreto e tijolo são substituídos por estruturas de aço (perfis "L", tubos e vergalhões). Têm a vantagem de permitir o uso de um "pé-direito" superior às de alvenaria (chegando a 5m) e vão livre superior a 10m, de possuir ótima ventilação e de ser de montagem relativamente rápida. As laterais podem ser fechadas com tela metálica rígida e cobertura

Orquidário Binot (Petrópolis)



Foto: Maurício Verboonen

Estufas de estrutura metálica com telhas translúcidas. A da esquerda, medindo cerca de 700 m². Esse tipo de estrutura permite ótima ventilação e é de montagem rápida.

Estufas tipo *Holambra*. Na primeira foto, construção em andamento, já com a estrutura montada. Na foto abaixo,, uma estufa pronta. Na foto da página ao lado, outra estufa do mesmo tipo, com a cobertura de *sombrite* colocada no interior da estrutura. Evidentemente, esse sistema resulta numa estufa mais quente, sendo própria para regiões frias (Guararema, SP).

Nobile Flores (Guararema)



Foto: Sérgio Barani

c) Estufas pré-fabricadas (tipo *Holambra*)

O novo padrão de construção de estufas para orquídeas segue os conceitos aplicados há décadas na região de Holambra (SP) para estufas agrícolas. Compõem-se de uma série de arcos, em aço galvanizado, montados sobre colunas também de aço, concretados no piso. Sobre os arcos é estendido e esticado um filme plástico (película de polietileno aditivado contra raios ultravioleta), sendo fixado por engates de fácil montagem e manutenção. Este filme plástico pode cobrir apenas a parte do telhado ou chegar até o piso, fechando as laterais. A estrutura toda é complementada com tirantes de aço, que lhe conferem extrema rigidez e resistência ao vento. Caso se deseje um sombreamento adicional, pode ser montado com uma cobertura superior de tela tipo *sombrite*, em forma de tenda, que proporciona excelentes condições de luminosidade e ventilação. Em casos especiais (plantas de clima mais frio) pode ser adquirido com sistema completo de *pad-fan*, que mantém a temperatura sempre dentro dos limites para as plantas. As principais vantagens desse modelo de estufa são: o custo, a rapidez de montagem (cerca de uma semana, partindo do terreno nivelado) e a padronização, que permite fácil expansão conforme as necessidades do orquidário. Em compensação, são visualmente pouco estéticas (em áreas urbanas residenciais podem criar problemas com a vizinhança), demandam um espaço relativamente grande para fixação da cobertura superior e necessitam trocar a película em prazos relativamente



Foto: Carlos Ivan

Orquidário JLB (Rio)

curtos - 2 a 3 anos (ainda que tal troca seja rápida e de baixo custo). Como são padronizadas, possuem largura padrão dos módulos (geralmente 6,4m), e a distância entre os arcos varia de 3 a 4,5m. Assim, o menor módulo possível seria de 6,4 x 3m. Neste caso, porém, o custo aumenta consideravelmente, equiparando-se às soluções anteriores. Já para estufas maiores, com largura dupla (2 x 6,4m) ou tripla (3 x 6,4m) e múltiplos de 4,5 m, o custo é muito mais baixo, chegando a cerca de R\$ 25 por m² para uma estufa de 900 m², com tela de sombreamento superior, montada e pronta para uso. O "pé-direito" pode variar de 3 a 5m, sendo mais comum a altura de 4m, o que, somado à altura do arco e da tela de sombreamento, leva a altura total para algo como 5,80m.

Existem diversos fabricantes das estufas no padrão *Holambra*, a maioria dos quais localizada na cidade do mesmo nome. São



Foto: Sérgio Barani

estufas de boa qualidade, duráveis, e que proporcionam condições de cultivo excelentes, tanto para o orquidófilo amador de porte médio-grande, como para os profissionais, sendo uma solução mais econômica do que as tradicionais estufas de alvenaria. Estas, porém, são mais adequadas a orquidários de pequeno porte, o que é o caso da maioria dos orquidófilos amadores.

Nota sobre bancadas

Assim como existem diversas maneiras de construir uma boa estufa ou telado para as orquídeas, há também várias opções em bancadas para colocar as plantas. A tradicional bancada com pés, caibros e ripas em madeira de lei ainda é ótima opção, tanto em custo como em durabilidade. Deve-se aplicar verniz ou outro protetor de madeira antes de colocar as plantas, para aumentar a vida útil das bancadas (entre 10 e 15 anos). Existem também outros tipos, como telas de aço apoiadas em blocos de concreto (veja algumas das fotos).

Não devem ser utilizadas bancadas de concreto, tipo laje, pois estas estruturas dificultam a drenagem e ventilação dos vasos, sendo um convite ao ataque por lesmas e caramujos. Até pouco tempo atrás, havia disponibilidade, no mercado, de telas de aço inox, subproduto da fabricação de moedas, a baixo custo e excelente aspecto e durabilidade (o único problema era o acabamento das bordas, difícil de fazer com a tela extremamente rígida). Com a mudança no padrão das moedas brasileiras para ligas de cobre e outras, esse material tornou-se escasso e conseqüentemente caro, inviabilizando seu uso. As bancadas devem ter altura suficiente para evitar que respingos de água do chão atinjam os vasos, mas que as plantas sejam facilmente alcançáveis. Na média, a altura é de 70 a 85cm do piso. No tocante à largura, é evidente que quanto mais largas as bancadas (e estreitos os corredores) maior é o aproveitamento da área total da estufa. Portanto, deve-se procurar fazer bancadas de boa largura, mas que permitam o alcance das plantas com facilidade. Isto implica uma largura entre 1,40 e 1,75m. Para quem utiliza ripas de madeira, elas podem ter 3 a 5cm de largura, por 1,5cm de espessura. Procurar utilizar ripas de espessura uniforme de modo a evitar tombamento dos vasos menores. O espaçamento entre ripas pode variar de 2 a 3cm. Embora seja possível construir bancadas rentes às paredes, recomenda-se que fiquem afastadas das laterais da estufa, permitindo a inspeção das plantas por todos os lados, bem como a rega mais uniforme. ▼

(1) ® Equipisca S.A.

(2) Sistema no qual o ar é constantemente sugado para fora da estufa, por meio de ventoinhas, e a entrada do ar externo é feita através de um evaporador, que o umedece e esfria. É fornecido opcionalmente por alguns fabricantes de estufas tipo *Holambra*.

Eng. Agr. Roland Brooks Cooke
Rua 14, nº 297 (Castelo São Manuel)
Corrêas - Petrópolis - RJ - CEP 25720-140
E-mail: rbcjari@openlink.com



Entrevista Jorge Verboonen

Foi finalmente no dia 04 de dezembro de 1999 que conseguimos ir a Petrópolis para ouvir de Jorge Verboonen mais uma história sobre o Orquidário Binot, o mais antigo orquidário do mundo em atividade.

Combinamos que não iríamos interferir em seu depoimento, queríamos que falasse à vontade, o que quisesse e o quanto quisesse. Fomos recebidos por sua esposa, D. Lourdes, e Jorge estava deitado em um sofá na sala, junto à janela, com vista para o Orquidário. Devido à doença, apresentava visíveis sinais de cansaço, mas isto não foi suficiente para diminuir o seu entusiasmo e falar largamente do Binot. Seu depoimento foi gravado e aqui transcrito. Reproduz de forma clara a sua maneira simples e franca de falar. Foram momentos entrecortados de alegria, tristeza e sobretudo gratidão e saudades do seu grande amigo Rolf Altenburg.

Dia 2 de fevereiro, possivelmente quando ainda transcrevíamos sua entrevista, Jorge Verboonen faleceu. Relendo sua entrevista parece que ainda o vejo falando, contando cada caso..... quem o conheceu certamente sentirá o mesmo.

Amigo Jorge, Todos nós da Orquidário - SBO sentiremos eternamente sua falta. Obrigado por seu trabalho, sua dedicação e seu amor às orquídeas.

Descanse em paz.

Por Paulo Damaso

■ Há quanto tempo o senhor está lidando com orquídeas?

Estou com 59 anos de Orquidofilia. Comecei a trabalhar com orquídeas no dia 15 de janeiro de 1940. Nessa época comecei a trabalhar de baixo. Aprendi mais um ano de datilografia, um pouquinho de contabilidade, mas o que eu queria mesmo era trabalhar. Então, meu pai me disse: "Você quer trabalhar? Está muito bem. Vem trabalhar comigo aqui, mas sem regalias." Quando cheguei no meu primeiro dia de trabalho, meu pai disse para o encarregado, o Feliciano: "Esse é meu filho. Você ensina a ele o serviço, mas sem regalias. Você vai ensinar a ele como é que se cuida de orquídea."

Então, durante alguns meses trabalhei sob as ordens dele. Era como se eu fosse um empregado comum, sem privilégios.

Depois de bem pouco tempo, papai já estava começando a sentir o peso dos anos e já queria me enfronhar mais em todas as atividades do orquidário.

■ Como era em 1940 a Orquidofilia aqui no Rio de Janeiro?

Eram poucos os orquidários. Nessa época, havia o Orquidário Binot, que aliás se chamava Herdeiros de Pedro Maria Binot. Havia o Orquidário Guinle, o Orquidário Stigert e tinha também o Henri Kerki, que era mais amador, mas tinha uma boa coleção.

O nosso orquidário naquela época tinha duas atividades principais que hoje não há mais: uma era a exportação de sementes, sementes de palmeiras.

Éramos um grande exportador. As sementes eram colhidas na natureza e não prejudicavam nada, porque se colhiam somente as sementes. Mas começaram a vir os predadores - as lojas de flores e o pessoal do mercado - que cortavam a cabeça das palmeiras que eram muito ornamentais e as vendiam para o mercado das flores. Então, começamos a ter problemas.

Além disso, tínhamos as orquídeas, e o Orquidário era todo voltado para o corte de flores de híbridos de *Laelia purpurata*, com *gigas*, *warneri*, *labiata*, *trianae*. Não eram flores tão bonitas, não tinham diferentes tonalidades, mas eram plantas floríferas. Os nossos dois maiores clientes para flores de corte eram a Casa Flora Matriz e a Casa Flora Filial, uma na Rua do Ouvidor e outra na Rua Gonçalves Dias. Essas lojas fecharam há muitos e muitos anos, mas devemos lembrar que a grande data para a venda de flores era Finados. Aqui em Petrópolis, além do corte de flores havia também as exposições. As primeiras eram sempre no verão e eram organizadas pelo Ernani do Amaral Peixoto. Não eram exposições só de orquídeas, mas também de flores e legumes, com predomínio de orquídeas (Binot, Guinle...). A coleção do Guinle era muito grande e o que deu impulso nela foram as plantas remanescentes que ele trouxe do parque da Cidade.

■ As exposições tinham muito público?

Tinham muito. As primeiras exposições foram em frente, onde é hoje o Hospital Santa Tereza. Ali era uma repartição do Governo. O público era muito grande, porque, antigamente, Petrópolis era uma cidade de veraneio, o que não é mais hoje, e havia uma população

muito grande no verão, vinda, principalmente, do Rio de Janeiro. Vinham de trem da Leopoldina em vagões especiais para veranistas, jogando cartas - ninguém vinha de ônibus, o trem era um relógio, saía às 7h35min e chegava, impreterivelmente, às 9h10min - coisa de inglês. Em Barão de Mauá pegavam aqueles ônibus de dois andares, o *chopp duplo*, que ia até o Mourisco.

À tarde o trem saía do Rio às 16h30min e chegava a Petrópolis às 18h10min. Na subida o trem era dividido, cada composição com dois vagões, que depois se juntavam para formar a composição integral. No inverno o trem vinha em quatro vagões e no verão chegava a 12. Quando ia ao Rio, nunca me passou pela cabeça ir de mangas de camisa. No verão não só eu, como a maioria dos passageiros iam de terno de linho branco. Usava-se sobre o terno um guarda-pó para que se ficasse protegido da fuligem do trem "maria-fumaça". O trem tinha assinantes que eram aqueles que pagavam por temporada de verão. Por isso, tinham a regalia de tabuleiro na mesa para jogar. Não sei o que jogavam, pois eu viajava sozinho.

■ E lá embaixo, no Rio de Janeiro, também havia exposições?

Sim, havia grandes exposições. A 1ª exposição de orquídeas foi no Automóvel Clube. Depois passaram para o Copacabana Palace com uma frequência muito grande também. No fim de semana eram filas enormes. Você tinha de ficar aguardando a sua vez.

Outras exposições eram no Estádio de Remo da Lagoa e no Hotel Nacional, mas este já foi bem mais para cá. As exposições eram sempre no verão e não vendiam com essa frequência de hoje. Eram exposições para mostrar mais o que se produzia. A venda era relativamente pequena.

Aqui em Petrópolis, houve há algum tempo, durante 3 ou 4 anos, exposições patrocinadas pelo *O Globo* no Palácio de Cristal. Eram exposições de flores, principalmente orquídeas, com uma frequência incrível. Eram dadas medalhas e taças doadas pelo *O Globo* e pela Secretaria de Agricultura.

■ *Sr. Jorge, vocês visitaram muitas exposições no exterior?*

Bem, visitei muitas exposições, mas só depois que o Rolf Altenburg passou a ser sócio aqui do orquidário. As datas tenho que verificar porque o tempo passa depressa e não sei direito (referindo-se à entrada do Rolf como sócio do Orquidário).

O Orquidário Binot foi fundado em 1870, com o nome de Etablissement Binot. Em janeiro de 1940 comecei a trabalhar com meu pai e em 1 de janeiro de 1945 passou a se chamar Orquidário Binot Ltda. Meu pai faleceu em 1953, foi feito o inventário e eu, minha mãe e minha irmã passamos a ter 1/3 do Orquidário, os outros 2/3 eram do meio irmão e da meia irmã de meu pai. O Rolf Altenburg entrou para a sociedade Binot em junho de 1959 (assinatura do contrato) quando comprou a parte de minha tia (a meia irmã acima citada); depois ele comprou a parte de meu tio (o outro meio irmão). Na época ele já tinha a Florália.

O Rolf deu um impulso muito grande ao Orquidário. Ele tinha uma produção de *seedlings* em Niterói e começou a mandar para cá todo o excedente. Começou a construir estufas aqui no Orquidário. Só havia um conjunto de estufas aqui embaixo e outro lá em cima. O resto foi tudo ele que construiu.

■ *Quantos anos durou a sociedade?*

O grande momento histórico foi quando Rolf entrou aqui para o Orquidário. Em setembro de 1976 ele ainda era sócio. Se não me engano, o Rolf deixou a sociedade em 1 de setembro de 1978, que é a data da assinatura do contrato.

O Rolf, um belo dia, chegou aqui no orquidário e disse: *(Nesse momento o Sr. Jorge se emocionou e começou a chorar - não conseguiu continuar a falar, e sua esposa, D. Lourdes, seguiu a narrativa.)*

"Jorge, eu estou muito feliz nesta sociedade com você, mas está na hora de me retirar, porque você vai ter problemas quando eu morrer. Então eu quero sair agora."

Aí, o Jorge responde: "Mas eu não posso comprar sua parte agora, não tenho meios para comprar."

O Rolf disse: "Nós vamos resolver isso. Vamos tratar disso agora. Eu não quero que você tenha problemas mais tarde."

Aí eles fizeram um contrato para o Jorge pagar a longo prazo, mas ele conseguiu pagar a curto prazo.

(Sr. Jorge volta a dar seu depoimento.)

Mas foi um contrato tão bom para mim... eu não queria a saída dele. Eu disse: "Eu não quero que você saia. No momento você é como um catalisador, você não toma parte na sociedade, você não faz nada na sociedade, mas a sua presença é importante. Qualquer problema com um empregado eu digo - mas o Rolf não aprova isso; o Sr. Rolf quer isso assim. Era o que eu chamava de um catalisador. Ele em si não fazia nada, não dava uma ordem, mas eu o usava como um pára-raio para qualquer coisa que houvesse aqui.

E ele disse: "Eu vou sair, eu quero sair."

Eu disse: "Mas como você vai sair, você tem metade da sociedade, metade do patrimônio e eu não tenho recursos?" (Naquela época acho que a venda foi em ORTN).

Ele disse: "Vamos dar um jeito nisso. Quanto é que valem essas estufas, as instalações etc.?"

Eu disse: "Não sei, mas por exemplo (em dinheiro de hoje) isso deveria valer em torno de R\$ 100.000,00."

Rolf respondeu: "Então você vai me dar R\$ 35.000,00." (E todo valor que eu apresentava, ele dava um outro valor mais baixo.) E eu ainda disse: "Temos dinheiro em banco e você tem a metade deste dinheiro."

Então Rolf respondeu: "Não, você não pode tocar o orquidário sem dinheiro. Isso não entra no negócio. O dinheiro que a firma tem em banco é seu e, se quiser, com ele pode começar a pagar as minhas cotas."

E foi assim que, em pouco tempo, acertamos tudo. Ele tinha me dado quase 10 anos para pagar e eu acabei pagando em cerca de 7 ou 8 anos.

No fim ele disse: "Você foi a única pessoa correta que conseguiu me pagar tudo. Você foi o único que cumpriu a palavra. Acho que foi um excelente negócio."

Depois disso continuamos amigos por

muitos anos. Toda semana ele vinha aqui a Petrópolis, vinha ver o Orquidário e sempre me convidava para jantar. Foram muitas vezes até sua morte que ocorreu no final dos anos 80, início de 90 talvez.

■ *O senhor deve ter conhecido muitos orquidários lá fora.*

Bem, conheci os orquidários lá fora depois que o Rolf entrou como sócio. Se eu me lembro bem, a primeira viagem que fiz foi em 1960 aos Estados Unidos. Não me lembro bem da cidade. Não foi Los Angeles, mas deu uma trabalhadeira terrível. Levei várias plantas do Rolf para expor lá. Levar essas plantas floridas, tudo encaixotado... depois fomos à Noruega, Dinamarca, Holanda etc. Conheci quase toda a Europa. A Lourdes sempre reclamava de uma viagem que fizemos e visitamos 37 estabelecimentos de orquídeas.

■ *Mas dessas viagens o que você viu de interessante?*

A gente via muitas plantas de todos os continentes. Cada firma daquela tinha uma especialidade de orquídeas como Africanas, Extremo Oriente, China, Japão também, e a gente via uma apresentação grande de plantas. Foi do Canadá também, de onde eu trouxe um lote de *Oncidium esphacelatum*, que hoje está com flores aí no orquidário, com umas hastes de mais de 0,5m.

■ *Sr. Jorge, de que gostava mais, quais as plantas que lhe impressionavam mais?*

Gostava mais de *Cattleyas*. Ultimamente, quer dizer, de uns 5 anos para cá é que mudei. Tenho gostado muito de *Masdevallias* híbridas e naturais como a *Masdevallia vampira*. Quer dizer, até uns 5 anos atrás tudo era *Masdevallia*, agora passou a *Dracula*, *Dryadella*, uma porção de coisas, não sei até onde isso dá, com tantas mudanças. A *vampira*, não sei se você já viu florida, mas com todas aquelas flores e principalmente à noite, acho que por causa da umidade, fica linda. É pena que dure tão pouco a floração - cerca de 4 a 5 dias já começa a murchar. Mas a *vampira* é uma flor muito interessante.

ABSTRACT

Brazilian orchid lovers suffered a sad loss on February 2nd, with the death of Jorge Luis Verboonen, after a long illness. Mr. Verboonen was the owner of Orquidário Binot, one of the best-known orchid nurseries in the country (besides being possibly the oldest commercial orchid outfit worldwide, having been established in 1870!). A few weeks before his passing away, Mr. Verboonen granted Orquidário a rare interview, at his lovely home on the nursery premises. The interview is on the following pages. Clearly weakened by his illness, he nevertheless had the strength to tell us about Binot's history, and his part in that history, since he started working there as an apprentice, in 1940. His long-time friendship and business association with Rolf Altenburg, the late owner of Florália, was remembered with gratitude and emotion. He also recalled some interesting aspects of life in Brazil during the 40's and 50's. He will be dearly missed. Mr. Verboonen will be succeeded by his dynamic 42-year-old son, Maurício, who is in charge of taking Orquidário Binot into the 21st century.

■ *O senhor tem lembrança da 1ª orquídea que viu florir ou que viu na natureza?*

Não, porque nunca fui muito na natureza. Fui uma vez a Maricá com o Exdras. Ele queria me mostrar *guttata*, a *intermédia*; mas era só para ver, não era para colher. Era só para me mostrar como cresciam pela natureza. Praticamente nunca fui à mata.

■ *No orquidário, qual a planta que o senhor lembra como a mais antiga?*

A planta mais famosa quando comecei a trabalhar aqui era a *Bc. Madame Charles Morron*, que também chamavam abreviavam de *Bc. Marron*.

■ *O que se fazia e não se faz mais?*

Ah! Tantas coisas. Por exemplo, uma coisa que meu pai fazia e eu continuei fazendo, mas

Paulo Damaso
e Carlos
A. A. de Gouveia,
responsáveis
por esta emocionante
entrevista com
Jorge Verboonen



fiz até o ano de 1951/52, era a estatística das flores. Depois, quando a quantidade de flores começou a aumentar, não deu mais. Quando tirávamos a nota fiscal, a gente anotava na NF quantas flores de cada tipo de planta. Hoje basta escrever "tantas" flores de *Cattleya* e pronto.

Aliás, ainda tenho anotado, mês a mês, ano a ano, quantas flores tínhamos produzido. Isso não tem nenhum valor hoje. Apenas a gente pega assim e diz: "como era bom aquele tempo que tínhamos tempo para fazer isso aqui...", anotar, passar a limpo..." Não teria hoje qualquer valor. Também o Orquidário Binot, não é que esteja dividido em dois, mas nós temos um outro orquidário, lá em Itaipava. Não sei se vocês conhecem, mas é o Orquidário da Lajinha, e é lá que se produz a maior quantidade de flores. Até há 2 ou 3 anos atrás não havia visitação nenhuma. As flores são cortadas e trazidas para cá e fornecidas para o Rio como sendo flores do Orquidário Binot, para facilidade da contabilidade.

O clima de Itaipava é muito diferente do daqui de Petrópolis. Às vezes aqui está nublado com aquela garoa e lá está o tempo aberto, sem sol, é verdade, mas com a temperatura 3-4° a mais que aqui e mais seco. A umidade lá é mais baixa. Também há cerca de 3 anos deixamos de ser simplesmente orquidário. Hoje somos orquídeas e bromélias - é incrível a quantidade de bromélias que se

encontra hoje. Antes eram apenas aquelas poucas plantas que se viam aqui, agora tem da América do Sul, América Central.

■ Sr. Jorge, e o orquidófilo? Em que mudou? Como é hoje?

Acho que não há um perfil para todos os gostos. Ele quer ter uma flor perfeita, e tem uma gama de variedades para todos os gostos. Hoje há uma inversão, é muito mais fácil vender plantas no Nova América do que num Shopping da Zona Sul. Lá eles ficam pechinchando e não levam. Quer dizer, o mercado tem mudado e o da Zona Norte é melhor do que o da Zona Sul.

■ Nesse tempo todo de orquidofilia, qual a sua maior tristeza e satisfação?

Um momento muito desagradável que tivemos aqui foi no mês de agosto, não me lembro em que ano, quando uma chuva de pedra quase destruiu o orquidário. Foi um grande problema mesmo, mas com o tempo foi tudo resolvido.

Do momento de maior satisfação ou emoção não me lembro, em geral sou meio tranquilo, muito frio...

■ Então, Sr. Jorge, uma mensagem para encerrar a entrevista.

"Muitas felicidades para a Orquidário, muita coragem e que sempre alcance seus objetivos." ▼



BOM, BONITO E OUTLET.

O Nova América não é um shopping barato. Até porque, de barato já basta o conserto que fizeram no seu carro, o vinho que serviram naquela festinha do escritório e o perfume da sua vizinha fofoqueira. Não, o Nova América não é barato. O Nova América é outlet. A diferença? Qualidade. Aqui, pagar pouco não é desculpa para não vender as melhores marcas e produtos do Brasil. Isto não é promessa. É contrato. Quem abre uma loja no Nova América assina um documento, comprometendo-se a vender seus produtos por preços abaixo do mercado. Quem faria um negócio destes? Levi's, Sandpiper Off, Hiper Casa & Vídeo, Vila Romana, Renner & Vicunha, Cia das Marcas by Maria Bonita, No Tag Folic e Mark Store Chocolate Loft. Enfim, estas e as melhores marcas do Brasil, por um preço muito, digamos, outlet.